

### RESUMO:

A **China**, a **Índia** e a **Europa** procuram neste tempo de instabilidade, de mudança e de incerteza permanentes, um estatuto internacional relevante, que as coloque não só como potências regionais, mas, se possível, que lhes permita disputar o estatuto de grandes potências do **sistema internacional**.

Os dois **Estados emergentes** asiáticos, China e Índia, têm conseguido excelentes desempenhos económicos, um significativo reforço do seu poder militar e um peso crescente nas relações internacionais, nomeadamente nos grandes *fora* de decisão mundial, mas continuam com sociedades duais e instáveis, sobretudo, mercê do fosso crescente entre ricos e pobres.

A Europa vive um tempo conturbado, não consegue unidade política, nem coesão entre os seus Estados membros, tem grandes vulnerabilidades na defesa e segurança e está com dificuldades na sustentabilidade económica e na manutenção do estado social.

Portugal, como pequeno Estado em crise económica arrastada, com problemas estruturais fundamentais não resolvidos, numa era de globalização favorável aos **grandes espaços** é, de entre os países europeus, um dos que mostra maiores vulnerabilidades e possui menos forças para se impor nos cenários internacionais de grande competitividade.

A potência hegemónica actual, os EUA, não dá mostras de abdicar nem na esfera económico, nem no campo militar. Procura assegurar o domínio das relações internacionais e psico-sociais. Percebe-se que não cederá com facilidade.

Novos actores, nomeadamente o terrorismo transnacional e as armas de destruição massiva, introduziram factores de incerteza na evolução do sistema internacional. A sua reconfiguração é possível, mas não é certa.

Se a mudança acontecer, ela será em grande parte determinada pela compatibilização que se conseguir entre o desenvolvimento humano e o crescimento económico. A incerteza persiste, a instabilidade é real e, as previsões são muito falíveis.

---

### Palavras-Chave:

**Sistema Internacional, Grandes Espaços, Estados Emergentes, China, Índia e Europa.**

## Índice

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. “NOVOS COMPETIDORES” – POTÊNCIAS EMERGENTES</b> .....	<b>3</b>
2.1. A Complexidade Geopolítica da Ásia .....	3
2.2. A China.....	5
2.2.1. Poder económico .....	5
2.2.2. Poder Militar .....	8
2.2.3. Poder Político - Relações Internacionais .....	8
2.3. A Índia .....	10
2.3.1. Poder económico .....	11
2.3.2. Poder Militar .....	13
2.3.3. Poder Político - Relações Internacionais .....	14
<b>3. “VELHOS COMPETIDORES” – AS DEMOCRACIAS EUROPEIAS</b> .....	<b>15</b>
3.1. Poder económico .....	16
3.2. Poder Militar, Poder Político e Relações Internacionais.....	17
<b>4. CENÁRIOS EVOLUTIVOS PROVÁVEIS</b> .....	<b>20</b>
4.1. Equilíbrio Geoestratégico Asiático.....	20
4.1.1. Emergência Asiática Suave.....	20
4.1.2. Emergência Asiática Conturbada .....	21
4.2. Evolução Geoestratégica da Europa .....	22
4.2.1. Visão Eurocéptica .....	22
4.2.2. Visão Pró Europeísta .....	24
4.2.3. A terceira Via para a Europa – Uma sociedade europeia baseada no conhecimento .....	26
<b>5. PORTUGAL NO CONTEXTO DOS CENÁRIOS DESCRITOS</b> .....	<b>27</b>
<b>6. CONCLUSÕES</b> .....	<b>29</b>
<b>7. APÊNDICE</b> .....	<b>31</b>

**ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS**

<b>EUA</b>	- “Estados Unidos da América”.
<b>UE</b>	- “União Europeia”.
<b>OTAN</b>	- “Organização do Tratado Atlântico Norte”.
<b>ONU</b>	- “Organização das Nações Unidas”.
<b>ASEAN</b>	- “”.
<b>OMC</b>	- “Organização Mundial do Comércio”.
<b>PNUD</b>	- “Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento”.
<b>PCC</b>	- “Partido Comunista Chinês”.
<b>RPC</b>	- “República Popular da China”.
<b>OTASE</b>	- “Organização do Tratado das Nações do Sueste Asiático”
<b>CECA</b>	- “Comunidade Europeia do Carvão e do Aço”.
<b>PESC</b>	- “Política Europeia se Segurança Comum”.
<b>PESD</b>	- “Política Europeia de Segurança e Defesa”.
<b>OMS</b>	- “Organização Mundial de Saúde”.
<b>DPCO</b>	- “Doença Pulmonar Crónica Obstuctiva”

## TRÍADA GEOESTRATÉGICA CHINA, ÍNDIA E EUROPA. Implicações para Portugal

### 1. INTRODUÇÃO

Num mundo marcado por perturbações constantes, tendo a incerteza como maior probabilidade e sendo a imprevisibilidade a sua característica mais relevante, não surpreende que, na análise do sistema internacional e do posicionamento dos seus diferentes actores, sejam necessários extremos cuidados, e uma capacidade inovadora de perceber, na hora, os jogos de interesses de cada momento. As transformações imprevistas, mas reais, condicionam não só o nosso presente, mas também o nosso futuro. A verdade de ontem pode ser obsoleta hoje e completamente errada amanhã.

Após o equilíbrio de mais de 50 anos da Guerra Fria em que a bipolaridade da sociedade mundial foi real, caímos neste início do Séc. XXI numa situação em que os Estados Unidos da América (EUA), se apresentam como a única potência global, como refere Henry Kissinger *“(...) Os EUA desfrutam de uma superioridade inigualável, mesmo quando comparados com os maiores impérios do passado. Do armamento à actividade empresarial, da ciência à tecnologia, do ensino superior à cultura popular, a América exerce um ascendente impar em todo o Mundo. (...)”*<sup>1</sup>

Assistimos já, desde essa altura, à perda da sua cautela estratégica após um curto período de império benigno e estamos em pleno império arrogante<sup>2</sup>.

Neste contexto, poderão emergir nos grandes espaços mundiais, potências globais competidoras efectivas?

O potencial geoestratégico da Europa e da Ásia emergente tem que ser pensado à luz da sua importância face à potência dominante e no pressuposto de que a globalização colocou as relações internacionais mais dependentes da componente económica do que da componente política e enfatizou a componente psico-social. A sub-valorização da componente militar convencional permitiu o aparecimento e a consolidação de potências regionais mais fortes e equilibradoras da superpotência dominante.

---

<sup>1</sup> Henry Kissinger, *Precisará a América de uma Política Externa*, p.13.

<sup>2</sup> Loureiro dos Santos em 19-01-2006 no IESM

Neste contexto, é natural que a *Velha Europa* ambicione um lugar de maior estabilidade, livre dos conflitos que no passado a fustigaram e violentaram os seus povos. É compreensível, também, que aspire a ter um maior peso na economia e deseje ver consolidada, a nível mundial, uma sociedade caracterizada pela diversidade e pelo respeito dos direitos do homem e pretenda ver, finalmente, reconhecido e consolidado o estatuto de moderador, de grande negociador e de não beligerante.

É, igualmente, compreensível que a China e a Índia, apontadas como prováveis superpotências, devido ao seu poder demográfico e ao seu grande crescimento económico, ambicionem, neste sistema económico mundial único, um lugar de verdadeira liderança.

Neste contexto de instabilidade, de mudança e de incerteza permanentes, certamente que o papel de Portugal no mundo é pouco relevante, pelo que deverá prestar uma atenção redobrada que lhe permita alinhar-se de modo a assegurar um estatuto digno a nível internacional.

A extensão e complexidade da temática referida no título deste trabalho obrigam-nos a limitar a nossa abordagem à análise dos possíveis cenários evolutivos da Europa e da Ásia emergente e às repercussões mundiais que tais cenários possam ter sobre Portugal e a sua população.

Tentaremos, pois, responder à seguinte questão principal: **Evoluirão a China, a Índia e a Europa, como potências regionais com peso real na estratégia global?**

Formulamos e tentaremos responder, também, às seguintes questões derivadas: 1) **Terão a China e a Índia uma atitude de envolvimento e cooperação ou opor-se-ão?** 2) **Evoluirá a Europa no sentido de uma união política que lhe permita afirmar-se internacionalmente?** 3) **Conseguirá Portugal garantir segurança e desenvolvimento suficientes para o bem estar do seu povo?**

O trabalho foi estruturado numa introdução, quatro capítulos, conclusões e um apêndice. No primeiro capítulo referem-se factos relevantes da actualidade da China e da Índia. No segundo capítulo aborda-se a realidade actual da Europa. No terceiro

capítulo indicam-se alguns dos possíveis cenários evolutivos geoestratégicos desta tríada e no quarto capítulo descrevem-se as suas potenciais implicações na realidade nacional. Terminamos com a apresentação das conclusões decorrentes da análise efectuada. Numa visão pessoal, centrada no homem, discute-se a compatibilização do desenvolvimento humano e económico e a sua repercussão no equilíbrio do sistema internacional.

## **2. “NOVOS COMPETIDORES”<sup>3</sup> – POTÊNCIAS EMERGENTES**

### **2.1. A Complexidade Geopolítica da Ásia**

Quando nos debruçamos, ainda que de modo simples, sobre a realidade geopolítica da Ásia apercebemo-nos logo que estamos perante um mundo de grande complexidade e de forte risco de instabilidade. Aqui ocorreram guerras sangrentas, nomeadamente a da Coreia e a do Vietnam, envolvendo, sobretudo, interesses que transcendiam em muito os dos países beligerantes. A presença americana, como condicionante do início e do desfecho de tais conflitos, foi uma constante. Os EUA são de facto a potência regional dominante da região<sup>4</sup>. Mas, apesar dos conflitos ocorridos, talvez o fenómeno que melhor caracteriza esta parte do mundo na actualidade seja a presença de um aceitável equilíbrio. Apesar de inimigos ou de rivais do ponto de vista estratégico, os países da região respeitam-se e cooperam em termos económicos. Mas tal não significa que, em caso de necessidade, não estejam dispostos a usar todos os seus recursos incluindo o uso da força. O aumento do poder de um desencadeia de imediato nos demais, sobretudo nos que se sentirem mais ameaçados, um ajustamento corrector nos seus mecanismos de defesa. Assim se explica que os gastos permanentes com a defesa continuem a aumentar de modo constante<sup>5</sup>. Segundo o British Aerospace as despesas militares dos países asiáticos serão, em 2010, superiores às da Europa podendo atingir dois terços dos gastos dos EUA.

Um outro aspecto igualmente importante desta vastíssima região é a sua heterogeneidade do ponto de vista geográfico, demográfico, económico, histórico,

---

<sup>3</sup> Joseph Nye JR, *O Paradoxo do Poder Americano* pg. 38.

<sup>4</sup> Loureiro dos Santos em 23-02-2006 no IESM

<sup>5</sup> Luis Tomé, *Geopolítica da Ásia e da China, Janus 2006*, pp.40.

político e religioso. Se considerarmos os países asiáticos no seu conjunto, mas mais precisamente a China, o Japão, a Rússia, e a Índia, perceberemos, com facilidade, a quase impossibilidade de emergir de entre eles um inimigo suficientemente poderoso para controlar os outros. Apercebemo-nos, igualmente, das dificuldades sentidas pela Superpotência Mundial actual nas suas complexas e difíceis relações com os países desta região. Como afirma Kissinger “(...) *um bloco asiático hostil, que combinasse os países mais populosos e de mais vastos recursos do mundo... seria incompatível com os interesses nacionais americanos. Por isso, a América tem que manter a sua presença na Ásia e o seu objectivo geopolítico deve continuar a ser evitar a convergência asiática num bloco inamistoso (...).*”<sup>6</sup>

A China e a Índia desempenharão, já neste século, um papel fundamental no evoluir da Ásia. Trata-se, com efeito, de países que dispõem de uma mão de obra abundante e com uma enorme capacidade de trabalho. Acresce que esta mão de obra é cada vez mais qualificada, nos sectores da tecnologia industrial, das comunicações, e da biotecnologia. Estes países, com um invulgar poder de penetração em todos os mercados mundiais têm conhecido, nos últimos anos, um enorme crescimento económico. Ambos possuem um aparelho militar, numeroso, em modernização e reorganização.

Mas, não obstante possuírem um enorme potencial económico e militar, tanto a Índia como a China conhecem grandes vulnerabilidades. Com efeito, existe uma enorme diferença entre mundo rural e o mundo urbano em crescimento. São gritantes as carências básicas que afectam largos milhões de indivíduos. Existem deficiências de infra-estruturas e é assustador o aumento das desigualdades entre os seus cidadãos. É o que se depreende do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que alerta para este facto, e referindo-se ao avolumar do fosso existente nestes países entre ricos e pobres, aponta-o como um factor potencial de instabilidade política e social aconselhando os respectivos governos a aumentar os gastos com as políticas sociais e a reformar o sistema fiscal<sup>7</sup>.

Uma outra fragilidade advém das disputas fronteiriças existentes, não só entre si, mas também entre a Índia e o Paquistão, e entre a China e a Rússia. As enormes somas gastas pela Índia e pela China com a defesa relegam para um futuro distante

<sup>6</sup> Henry Kissinger, *op.cit.* pp.13.

<sup>7</sup> Sequeira I, in *O Público*, 18 Dezembro 2005.

a possibilidade de se tornarem potências mundiais, transformando em multipolar o actual sistema internacional.

## **2.2. A China**

É com uma grande determinação que a China procura atingir os seus objectivos de integração territorial, de modernização económica, tecnológica e militar, a fim de consolidar o seu estatuto de potencia regional e, num futuro não muito longínquo, ver reconhecido o seu estatuto de grande potência mundial.

As convulsões internas dos últimos três séculos mantiveram a China fora das grandes decisões internacionais.

Se nos debruçarmos sobre a história da China e analisarmos os factores que contribuíram para momentos de grandeza e períodos de decadência compreenderemos as razões do seu actual ressurgimento. Se o que se ouve com frequência nas grandes cidades chinesas *“O século XIX foi para nós o da humilhação, o século XX o da restauração, o XXI será o século da dominação”*, vier a concretizar-se, então o actual sistema internacional será profundamente alterado. Iniciado que foi o processo de se imitar o que de melhor chega do Mundo Ocidental, se progredir no sentido da inovação e do respeito pelos direitos humanos, então a China passará de um hipercapitalismo de Estado a uma economia de mercado com um estado social. Mas podemos, também, assistir proximamente a um *“desmoronamento da China”*, devido aos seus desequilíbrios políticos, sociais, financeiros e ambientais.

### **2.2.1. Poder económico**

“Não sei se Marx aprova tudo o que estamos fazendo aqui  
Vou encontrar-me com ele no céu e conversaremos a esse respeito.”

*Deng Xiaoping 1986*

A economia chinesa é, seguramente, à data, a economia mais próspera da cena internacional. Com efeito, é a que mais influencia o mercado mundial, que apresenta mais elevadas taxas de crescimento não só relativamente ao seu comércio externo nomeadamente à importação de recursos energéticos e *“commodities”*, mas também em termos de mercado interno. A dimensão das suas necessidades em matérias-primas já se traduziu por uma subida generalizada dos preços mundiais, podendo levar alguns deles, como sejam o do crude e seus derivados, da energia eléctrica e

nuclear, do aço, do cobre e da platina, até níveis impensáveis. O aumento da procura poderá, igualmente, fazer explodir um novo e longo ciclo de preços elevados, o que terá, seguramente, repercussões sobre as economias menos desenvolvidas<sup>8</sup>.

Devido a uma mão de obra abundante e barata<sup>9</sup> a China está a reconfigurar a geografia mundial das indústrias, atingindo, seriamente, o mundo menos desenvolvido e em especial a América do Sul e o Maghreb. Por outro lado, está, a investir na qualificação das suas indústrias, nomeadamente nos sectores da investigação e da alta tecnologia.

Não é menos importante o seu mercado interno, mesmo quando comparado com os países mais desenvolvidos. 1,3 mil milhões de consumidores é, de facto, um mercado gigantesco, que tem despertado o interesse de múltiplas empresas a nível mundial. Produtos alimentares, computadores, telemóveis, automóveis ou aviões, tudo ali tem potencial maior que em qualquer outra região do mundo<sup>10</sup>.

Mesmo que esteja ainda espartilhado entre a manutenção do centralismo comunista, e a economia de mercado que já impôs uma verdadeira revolução industrial e se prepara para consolidar uma revolução cultural, educacional, tecnológica e de comunicações, o programa reformista tem progredido sem sobressaltos significativos, apesar de conter em si enormes riscos. O aumento da urbanização e da industrialização fez surgir uma classe média, cada vez mais exigente, consumista e intelectualizada. Muitos dos seus membros foram formados e mantêm contactos com o exterior. Em contrapartida assiste-se a um empobrecimento progressivo e crescente de uma grande parte do mundo rural, o que explica porque é que a China continue a fazer parte das nações mais pobres do mundo. Os operários expulsos das fábricas e os camponeses afastados das cooperativas do Estado engrossam diariamente o número de desempregados, fenómeno que já é visível na periferia dos grandes aglomerados. Pouca semelhança existirá já entre a cidade e o campo, entre a costa leste e o interior, entre o sector

---

<sup>8</sup> João Silva, in *Economia Global e Gestão* Nº.3, Dezembro de 2005, pp.77-91.

<sup>9</sup> Loureiro dos Santos em 23-02-2006 no IESM, afirmou: custo de mão de obra na China é actualmente de 30 cêntimos / hora.

<sup>10</sup> Mário Murteira citado por João Silva, *op. cit.* p.81 (...)O crescimento económico já provocou uma “desocidentalização” alterando a tríada de grandes potencias comerciais (Europa, EUA e Japão) para uma nova dimensão, agora quadrilateral, pelo envolvimento Chinês...).

privado e as estruturas empresariais do Estado, entre as empresas locais e as multinacionais, pelo que a situação pode tornar-se, subitamente, explosiva.

É igualmente preocupante o sector financeiro. Como herança da era comunista dura ficou uma banca que servia apenas de cofre do Estado, cheia de créditos mal parados e irrecuperáveis que se pensa poderem ascender a cerca de 40% do PIB chinês<sup>11</sup>. Acresce a este facto a especulação imobiliária, com as graves consequências que são em tudo semelhantes àquelas que enfrentam as sociedades ocidentais mais débeis.

A realidade chinesa é, pois, complexa e, até certo ponto, contraditória.

A actual situação económica teve início com as reformas introduzidas por Deng Xiaoping. Só muito território, muita gente e muita diversidade permitiram esta evolução<sup>12</sup>. Mas, a partir de agora, em que se torna necessário consolidar a sustentabilidade, podem surgir imensos problemas relacionados com a satisfação das pessoas e o esgotamento dos recursos. Só uma atitude pragmática permitirá manter um equilíbrio em alta. Um exemplo de que esse pragmatismo está presente e que o poder económico determina muito do que acontece na China são os princípios emanados do XVI Congresso do Partido Comunista Chinês. Ali se consagrou a *teoria das três representações*, que consagra a ampliação das bases de representação social do partido. Este que assentava unicamente nos operários e camponeses abriu as suas fileiras aos empresários. Destes muitos deles milionários, ocupam, hoje, lugares cimeiros na estrutura do partido e do Estado e passaram a integrar a *vanguarda da classe operária, do povo chinês e da nação chinesa*.

O valor acrescentado de uma diáspora cada vez mais numerosa, mais competitiva e detentora de cada vez mais riqueza, é igualmente um factor de potencial económico que não deve ser ignorado. Existem cerca 30 a 60 milhões de chineses a trabalhar fora do país, sendo a Ásia e a América os principais locais de destino. Na Europa, e também em Portugal, o seu número tem vindo a aumentar. Mercê da sua estrutura familiar e de uma excelente cultura do trabalho são fortemente competitivos. Dedicam-se aos sectores da restauração, pequeno retalho, comércio grossista e indústria do vestuário.

---

<sup>11</sup> Henrique Morais, *O sector financeiro chinês*, Janus 2006, pp. 52-53.

<sup>12</sup> Loureiro dos Santos em 19-01-2006 no IESM afirmou: "A China liberalizou a economia mas não liberalizou a política ao contrário da Rússia que liberalizou a política mas não liberalizou a economia"

### **2.2.2. Poder Militar**

Ainda que persistam dúvidas quanto à sua verdadeira dimensão, parece claro, que os gastos com a defesa por parte da China são significativos e estão em crescimento acelerado<sup>13</sup>. As somas investidas na defesa podem, no entanto, ser consideradas insignificantes, quando comparadas com as dos Estados Unidos. Devido ao seu atraso tecnológico, viu-se forçada, numa primeira fase, a equipar-se com armamento importado, sendo as suas primeiras aquisições feitas na União Soviética. Mas com o surgimento e evolução do conflito sino-soviético, a partir dos finais da década de cinquenta, viu-se forçada a desenvolver uma tecnologia própria, incluindo a nuclear. Ultimamente têm sido significativas as compras de navios de superfície, de submarinos convencionais e nucleares, de aviões de combate e de mísseis terra ar, ar ar e terra terra. Aumentaram, também, de modo significativo, as suas capacidades balísticas e nucleares o que torna a China a potência militar regional melhor equipada do Sudeste Asiático.

Embora se posicione, no sistema internacional, com uma atitude não belicista, é com uma grande determinação que os dirigentes chineses investem na consolidação do seu poder militar<sup>14</sup>. Paralelamente, tentam ganhar poder e influência, a nível internacional, através da diplomacia e da defesa dos valores culturais. Mas, é evidente que, não abdicarão de nenhuma das suas actuais capacidades militares na defesa do seu interesse nacional. A constatação desta realidade explica a atitude americana de “empenhamento” e de “parceria estratégica” implementada, desde a segunda administração Clinton e continuada pelo Presidente Bush, neste seu segundo mandato.

### **2.2.3. Poder Político - Relações Internacionais**

Apesar do seu poder militar, a China é ainda, actualmente, uma potência regional com capacidade de intervenção limitado apenas à Ásia. A sua política externa tem sido caracterizada por uma atitude de grande flexibilidade nas disputas territoriais fronteiriças, pela continuação da defesa coerente dos princípios da coexistência

---

<sup>13</sup> In Público de 5 de Março 2006.

<sup>14</sup> Jiang Enzhu, na Assembleia Nacional Popular em 5 Março de 2006, “quero insistir que a china é uma nação comprometida com a paz... Estamos firmemente determinados garantir a soberania da China bem como a sua integridade territorial...”

pacífica, pelo estabelecimento de relações económicas mutuamente vantajosas e pela defesa da cooperação multilateral.

Um ponto em que se mostram intransigentes é a questão de Taiwan. A sua integração na República Popular da China constituiu e constitui, como dizem, *“um dever nacional sagrado”*.

Embora de uma forma moderada, a China está atenta e interessada em marcar presença nos grandes acontecimentos que dominam a agenda internacional, como o demonstram as suas intervenções no Conselho de Segurança da ONU e a colaboração no combate ao terrorismo transnacional. Este desejo de ter um maior protagonismo, a nível mundial, não passa despercebido aos Estados Unidos. Como diz Henry Kissinger *“A China ... é o estado com maior potencial para se tornar um rival dos EUA no novo século, embora, do meu ponto de vista, isso não venha a ocorrer nos primeiros vinte e cinco anos.”*<sup>15</sup>

Nesta sua procura de poder e de influência a nível internacional, há ainda a assinalar as relações que procura estabelecer com todos os países, detentores de recursos energéticos, da África, do Médio Oriente, do Cáucaso, da América Latina e com a própria Rússia<sup>16</sup>.

O desejo de afirmação e de projecção da China, a nível mundial, abarca vários sectores, como se pode depreender no empenho que, oficialmente, colocaram na candidatura de Pequim a sede da Olimpíada de Verão 2008. São já evidentes os cuidados que estão a ter com toda a envolvente dos Jogos, como sejam as instalações, os equipamentos, a componente desportiva e a preparação de pessoas. Serão, segundo dizem, os *“jogos verdes”*, numa curiosa alusão às preocupações ambientais. Sendo os maiores poluidores, a nível global<sup>17</sup>, os Chineses preparam-se para fazer uma demonstração de vanguardismo ambientalista, defendendo que em todas as cidades em que se desenrolam as Olimpíadas, circulem apenas autocarros a hidrogénio. Esperam os Chineses que as condições turísticas que se propõem oferecer possam criar fluxos turísticos para além do Verão de 2008. O

---

<sup>15</sup> Henry Kissinger *op. cit.* P.135

<sup>16</sup> Assis Malaquias, *in* Pública 495/20 Nov. 2005, pp.7-10.

<sup>17</sup> De acordo com o Banco Mundial, entre as 20 cidades mais poluídas do Mundo, 16 são chinesas. Pequim apesar de ter um número de viaturas menor em circulação, produz mais dióxido de carbono que Los Angeles e Tóquio juntas.

conjunto das novas preocupações globais está aí, claramente, expresso e associado à economia.

Para melhor se compreender a política chinesa será necessário não esquecer a cultura confucionista entendida como um misto de humanismo, racionalismo e moralismo<sup>18</sup>.

Primeiro a China, depois a Ásia e, só depois o Mundo, é o que se pode retirar dos seus objectivos conhecidos de longo prazo: desenvolver relações francas, abertas e competitivas com todo o mundo; apaziguar as tensões regionais, que poderiam comprometer o desenvolvimento e crescimento do seu poder global; isolar Taiwan internacionalmente e preparar a sua integração futura, mesmo que para tal seja necessário, hostilizar os EUA; aumentar o seu poder militar, reorganizando e reequipando em quantidade e qualidade tecnológica, nomeadamente, na área nuclear.

### **2.3. A Índia**

Marcam o subcontinente indiano a complexidade e a diversidade. Desde há décadas apontada como uma das potências emergentes mais promissoras, a Índia tem visto adiada a consolidação deste estatuto, desiludindo analistas políticos e negando aos seus povos um estatuto que, se bem usado, lhe poderia proporcionar bem-estar e prosperidade. Se bem que integre uma das mais velhas civilizações, não conseguiu ainda, para todos os seus povos, uma identidade cultural única, marcante e característica. Sendo um dos países mais ricos e com uma economia que não cessa de crescer, a Índia continua a integrar um número impressionante de pobres que continua a aumentar. Apesar de ser uma das democracias mais sólidas da Ásia, assente em princípios humanistas de não-violência e não alinhamento, as discriminações, a violência e as crises políticas internas são uma realidade.

Tudo, desde o território, às gentes, passando pela religião e pela economia é diverso e complexo. Os reflexos na política são, pois, inevitáveis. A Índia não viu ainda consolidado o estatuto de grande potência que, há muito, lhe é apontado, mas continua a possuir todas as condições para crescer, para se desenvolver e se impor não só na região, como no mundo.

---

<sup>18</sup> Arnaldo Gonçalves, *Os valores asiáticos e os direitos humanos, Política Internacional*, pp.141-161.

Entre potência virtual e Estado real, a Índia vai fazendo o seu caminho, talvez lento, mas com adequada sustentabilidade. A sua integração no mundo globalizado torná-la-á, mais cedo ou mais tarde, mas ainda neste século, um dos países mais prósperos e poderosos. Terá que proceder, necessariamente, a reformas sociais, respeitando a diversidade cultural e étnica, para que, sem turbulência e sem grandes riscos, a mais valia económica que um milhão de indivíduos pode produzir seja adequadamente distribuída.

De acordo com a sua constituição, de 1950, a Índia é “*uma república democrática, soberana, socialista e secular*”, com uma estrutura federal de 27 Estados e Uniões territoriais. Tem um governo parlamentar bicameral e um poder judicial independente, que assenta nos conceitos e tradições dos países anglo-saxónicos<sup>19</sup>.

Apesar da presença de múltiplos movimentos étnicos, políticos e mesmo de guerrilha, a unidade do estado nunca esteve seriamente afectada. Os benefícios da união acabam sempre por superar os riscos da fragmentação e a moderação, mesmo entre os grupos mais radicais, tem sempre prevalecido. As lutas são mais para conseguir maior reconhecimento interno do que para derivas independentistas. Na análise da multifacetada população indiana, não será possível esquecer a relevância social do sistema de castas e subcastas existentes. Este tem evoluído e não sendo hoje um verdadeiro sistema, mantém-se como “*uma colecção de grupos de interesses em concorrência por uma parte do poder*”<sup>20</sup>.

### 2.3.1. Poder económico

“A vantagem da Índia não é, apenas, o custo – é o custo associado à competência de alto nível, tendo em conta o enorme reservatório de talento que é”

R A Mashelkar

Na última década, assistimos a um crescimento significativo da economia indiana (6,8% desde 1994), o que terá permitido reduzir a pobreza no país em cerca de 10%, facto este tanto mais relevante quanto é sabido que existem, ainda, na Índia 25% das pessoas a viver abaixo do limiar da pobreza.

Trata-se de uma economia mista, com uma força de trabalho maioritariamente (cerca de 60%) do sector primário, mas também com uma importante parcela de

<sup>19</sup> Elisabeth Moretti- Rollinde, « *Droits personnels* » en *Inde ou l'absence d'un code civil unique*, *Bulletin du CREDHO* N° 14 – décembre 2004, pp. 123-124

<sup>20</sup> Jaffrelot, *Inde: la démocratie par la caste. Histoire d'une mutation socio-politique*, 2005

trabalhadores envolvidos nos serviços (23%). Neste sector, muita gente fala bem inglês e é altamente especializada em software informático e em tecnologias de informação. Aqui se encontram alguns dos maiores “call centers” do mundo.

A indústria vai ser um dos motores da sua economia nos próximos anos, nomeadamente com a consolidação do desenvolvimento a que assistimos na biotecnologia e no sector farmacêutico mundial, onde dominam já boa parte do mercado dos fármacos genéricos. A Índia é actualmente o maior produtor de ópio para indústrias lícitas do mercado farmacêutico. Muitas das dificuldades sentidas na sua indústria devem-se, em grande medida, ao controlo que o governo ainda impõe ao investimento estrangeiro. Há, no entanto, a promessa governamental de liberalização do investimento nas áreas da aviação civil, das comunicações e dos seguros.

O desenvolvimento da economia tem feito da Índia um grande importador de “commodities”, em especial crude e seus derivados, maquinaria ligeira, fertilizantes e químicos. As suas principais exportações são os têxteis de qualidade, a joalheria, os químicos, os fármacos e as peles. Os seus principais mercados são os EUA, a China, Singapura e a Inglaterra.

O facto de a economia, ligada à indústria e aos serviços, ser a parcela que mais cresce e mais potencialidades detém, é um importante indicador de que o seu ritmo pode aumentar e atingir, muito proximamente, os níveis já alcançados pela China. Serão, seguramente, motores deste crescimento, os excelentes níveis de formação e perícia atingidos pelas suas elites mais jovens, o crescimento e a inovação que vão conseguindo nas tecnologias de informação e os novos mercados que a globalização mundial lhes faculta diariamente. O crescimento da sua economia pode vir a ser sustentado, já que consubstancia um maior equilíbrio entre o trabalho manual e o trabalho industrial efectuado com base em tecnologias evoluídas e trabalho intelectual.

Esperam os indianos que a concretização destes objectivos económicos lhes permita induzir uma importante mudança na sua sociedade, nomeadamente retirar muitos milhares de famílias do limiar da pobreza, gerar muitos postos de trabalho, reduzir a iliteracia, melhorar infra-estruturas habitacionais e de comunicações terrestres, aéreas e marítimas e desenvolver serviços de saúde adequados.

### 2.3.2. Poder Militar

A Índia é por tradição, desde a sua independência, um país que se rege por princípios humanistas, de não violência e não alinhamento e é, igualmente, adepta da resolução dos conflitos através da diplomacia, mas ao longo da sua história, foi obrigada a reconhecer o poder militar como um elemento fundamental para persecução dos seus objectivos e interesses vitais. Os conflitos com os seus vizinhos, China e Paquistão, impõem-lhe a necessidade de não descurar o seu poder militar. Assim se explicam, não só o aumento dos efectivos das suas Forças Armadas, como também a soma gasta com a sua manutenção e modernização. O facto de a China ser uma potência nuclear levou a Índia a desenvolver, igualmente, esta capacidade, o que levou o Paquistão por sua vez a dotar-se de armamento nuclear. Tem investido ainda no desenvolvimento de mísseis com ogivas nucleares múltiplas e em submarinos nucleares. Não surpreende assim, que no ano de 2005<sup>21</sup> tenha dispendido 18.86 mil milhões de US dólares, cerca de 2,93% do seu produto interno bruto.

As forças armadas indianas são constituídas por um grande exército; uma marinha composta por unidades de superfície, submarinos e aviação naval; uma força aérea; uma guarda costeira e vários corpos de segurança paramilitares. Possui onze portos de mar profundo na costa oeste, cinco na costa leste e cento e trinta portos menores em ambas as costas. Os efectivos são, na sua quase totalidade, constituídos por homens, estando a intervenção das mulheres, quase exclusivamente, reservadas à área da saúde.

A marinha de guerra indiana é a quinta maior do mundo. Uma boa parte dos seus navios de superfície e os submarinos nucleares está equipada com armas e sensores tecnologicamente avançados. Trata-se de uma marinha de “águas azuis”, profissional, competente, disciplinada que se tornou visível como uma potência naval regional. A esta força se junta uma guarda costeira, organizada à imagem da americana, responsável pelo patrulhamento da sua extensa zona económica exclusiva.

---

<sup>21</sup> The World Factbook - <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/> em 04-02-2006

### 2.1.2 Poder Político – Relações Internacionais

Apesar de se tratar de um país demasiado complexo, em termos populacionais e de desenvolvimento económico, todos os Indianos são a favor da manutenção das fronteiras herdadas e da integração territorial.

A sua maior preocupação em política externa tem a ver com o diferendo que opõe a Índia ao Paquistão, por causa de Caxemira, e com a China, também por questões fronteiriças. Por esta razão e apesar de ser um Estado fundador do movimento dos não alinhados, a Índia viu-se na necessidade de se aproximar das grandes potências e de desenvolver o seu programa nuclear. Este pauta-se por uma cultura estratégica minimalista. Desenvolver as armas nucleares o suficiente para ser credível, numa eventual resposta aos adversários, mas sempre considerando que as mesmas são imorais e problemáticas e só devem ser utilizadas quando a negociação político-diplomática falhar. Com avanços e recuos, o programa progrediu o suficiente para a Índia ser, hoje, uma potência nuclear considerável. Este facto, aliado à superioridade das suas forças convencionais terrestres, aéreas e navais indianas, em relação ao Paquistão, levou, por sua vez, este último Estado a estreitar as suas relações com os EUA, relações estas que se têm mantido e que remontam à criação da OTASE, em 1954 e do Pacto de Bagdad, em 1955.

A questão de Cachemira e o armamento nuclear chinês e paquistanês continuam a ser uma grande preocupação para a União Indiana. Tem-se verificado, contudo, uma melhoria nas relações com o Paquistão, bem patente nas relações desportivas e comerciais.

A par das suas preocupações internas e regionais, a Índia procura uma posição internacional mais abrangente, baseada nos valores da segurança e da convergência de interesses, não só com os EUA, mas também com a Europa. Esta estratégia de parceria com os EUA, reiterada em 2004 e consolidada já este ano, tem permitido a cooperação em actividades nucleares não militares, nos programas espaciais, no comércio de alta tecnologia e nos mísseis de defesa <sup>22 23</sup>.

Pelo que acabámos de referir, constata-se que a Índia evoluiu muito nos últimos 25 anos. Tem procurado, ao longo deste tempo, promover um desenvolvimento sólido e sustentado em todas as áreas. Afirmam os seus dirigentes que o seu

<sup>22</sup> Jorge Fernandes, in *O Público* 5 Março de 2006 pp. 27

<sup>23</sup> Fareed Zakaria, *India rising*, Newsweek, 6 March, 2006, pp. 28-43

crescimento deve ser aplicado em benefício das pessoas, do ambiente e da segurança, num contexto de relações internacionais regionais e globais de não alinhamento e de respeito pelo direito Internacional. São vitais para os próximos 15 anos, realçam: 1) A garantia da Paz, Segurança e Unidade Nacional; 2) A segurança e sustentabilidade alimentar e nutricional; 3) A garantia de uma sociedade de pleno emprego; 4) O desenvolvimento de uma sociedade de conhecimento; 5) A melhoria da Saúde Pública e individual do seu povo; 6) A expansão tecnológica e infraestrutural do País; 7) O adequado aproveitamento das vantagens da globalização; 8) A estabilidade e qualidade da governação que permitam a concretização dos objectivos nacionais; 9) O desenvolvimento generalizado duma cultura de valores, nomeadamente do valor do trabalho.

### **3. “VELHOS COMPETIDORES” – AS DEMOCRACIAS EUROPEIAS**

Após duas devastadoras guerras era indispensável criar condições que pacificassem a Europa e permitissem o seu desenvolvimento harmonioso, estável e sustentado. Foi imbuído deste espírito que Robert Schuman propôs, em 1950, um plano, concebido e desenvolvido conceptualmente por Jean Monnet, para a criação de uma Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). A partir do aproveitamento dos recursos necessários para a condução de uma guerra surgiu, com idealismo, o espírito que deveria conduzir à paz e à prosperidade dos povos europeus, através do respeito pelas pequenas nações, pelos seus cidadãos e pelos seus direitos. Os seus conceptualizadores aperceberam-se, desde início, que não seria uma tarefa fácil, mas que poderia avançar. Caminhando muitas vezes, a um ritmo lento, mas seguro e sempre continuado, foi possível, através do consenso chegar aos nossos dias com uma UE que integra, actualmente, 25 Estados Democráticos. Dispondo de uma moeda Comum a 12 dos seus Estados-membros, o Euro, de um Banco Central emissor, e, sobretudo, de uma Carta de Direitos Fundamentais onde se consubstanciam os direitos sociais e económicos, como sejam o emprego, a segurança, a assistência social, a saúde e o ambiente, a UE é hoje um grande mercado livre. Este tem vindo a consolidar-se através de vasto conjunto de leis, de forma consensual e a partir de negociações.

A UE necessita ainda de ter a confiança e o apoio dos seus actuais e futuros cidadãos, bem como de programar as reformas institucionais e constitucionais necessárias para poder afirmar-se politicamente no seio do sistema internacional.

A clarificação política, agora momentaneamente comprometida pela não aprovação, no tempo previsto, do Projecto de Tratado Constitucional, passa pela elaboração e concretização de políticas comuns, incluindo a Política Externa e a Política de Defesa e Segurança (PESC e PESD).

De modo progressivo, embora muitas vezes lento, a Europa está em vias de consolidar um modelo de relações entre Estados que se baseia na supremacia do Direito Internacional e na renúncia à guerra como solução para as crises e os conflitos. Aí está a maior revolução de conceitos das relações internacionais alguma vez operada na história<sup>24</sup>.

### **3.1. Poder económico**

Apesar da política de coesão social, a Europa é ainda marcada por uma grande diversidade económica entre os países que a integram. Este facto é bem patente nas diferenças de rendimentos per capita dos seus cidadãos.

No seu conjunto, a UE ocupa um lugar de destaque no panorama económico mundial. Possui uma moeda comum e forte, o Euro, a circular em doze países.

Em apenas 50 anos, a Europa, com base no mercado livre, transformou-se na 2ª maior economia mundial, sendo seu objectivo actual até 2010 transformar-se, com base no conhecimento, na economia mais competitiva e dinâmica do mundo. Para que tal aconteça torna-se necessário estimular o espírito empresarial e o desenvolvimento tecnológico, nomeadamente a criação de uma forte, evoluída e inovadora sociedade de informação, desenvolvimento e investigação que aproveite adequadamente os seus recursos humanos.

A economia da UE desenvolve-se fundamentalmente a partir dos serviços (69,4% da produção económica). A indústria, que foi a grande responsável pelo seu desenvolvimento económico, não representa actualmente, mais que uma parcela de 28.3% da sua economia global. Apesar dos problemas que tem colocado a agricultura na Europa tem um peso limitado de 2,8% do total. O crescimento económico nos últimos anos foi baixo, da ordem dos 2,5 a 3,5 % ao ano. A taxa de

---

<sup>24</sup> Mark Leonard, *in Século XXI – A Europa em Mudança*.

desemprego é alta, da ordem dos 9.5% (2004). A maioria dos estados membros é possuidora de excelentes infra-estruturas viárias, portuárias, aeroportuárias, de comunicações e equipamentos sociais, nomeadamente na área da saúde.

Portugal, a partir da integração e em especial após a adesão à moeda única, ficou com uma economia “sem fronteiras”, sujeita a regras explícitas e a regras impostas pelo próprio mercado<sup>25</sup>. O “mito europeu” substituiu o “mito ultramarino”<sup>26</sup>.

Em consequência deste novo “regime económico”, a economia portuguesa debate-se com problemas a longo prazo, de convergência real e com problemas macroeconómicos actuais e a médio prazo. Quanto à convergência real, convem não esquecer as deficiências infra-estruturais ainda existentes, a falta de flexibilidade da economia, a sua grande dependência da economia do estado, os fracos desempenhos da justiça e da educação, os elevados gastos com a saúde e a segurança social, a baixa produtividade geral, e, sobretudo, os baixos níveis de concorrência e de competitividade económica, em grande medida devido ao sistema fiscal existente e à fuga de impostos que permite. Quanto aos problemas actuais e de médio prazo, eles são marcados não só pela estagnação da economia, agravada pela lenta recuperação da economia europeia, mas também por factores internos como seja o forte endividamento das famílias, as políticas pró-cíclicas e pela dificuldade de uma consolidação orçamental sustentável.

A abordagem à correcção do défice não pode continuar a ser feita pelo lado das receitas, mas sim pelo lado das despesas.

### **3.2. Poder Militar, Poder Político e Relações Internacionais.**

A Europa continua a ser um conjunto de Estados, ciosos da sua soberania, sobretudo em assuntos de Política Externa e de Defesa e Segurança. Como tem acontecido em todas as áreas da construção europeia, tudo ocorre lentamente. A convicção do desejo de progredir em direcção a uma realidade nova é, no mínimo, fraca.

Nascida de uma tentativa de manter a paz, a Europa lá se vai construindo mais como uma necessidade do que como uma convicção. A dissociação, entre o pensamento e o sentir dos seus povos e as palavras dos seus líderes, é uma

---

<sup>25</sup> Campos e Cunha, no IESM, em 07/02/2006.

<sup>26</sup> João Salgueiro, no IESM, em 23/01/2006.

evidência<sup>27</sup>. Os países europeus, mais do que vizinhos que caminham para sobrepor e esbater as suas fronteiras, são muitas vezes vizinhos inimigos íntimos e sempre dispostos a uma boa disputa<sup>28</sup>. À medida que as fronteiras se alargam, sem que a coesão social progrida ao mesmo nível, a diversidade cresce, não como elemento enriquecedor que devia ser, mas antes como elemento de separação. O pragmatismo que, apesar de tudo, tem presidido à construção europeia, será fundamental para a compreensão da indispensabilidade da existência de uma política externa comum e, mesmo, de uma política de segurança e defesa que, obrigatoriamente, deve assentar num poder militar forte e credível. A unidade de acção dos países europeus é decisiva para a consolidação da Europa. Só unidos conseguirão acordos favoráveis aos seus interesses e compatíveis com os seus valores. Constituir-se como uma zona segura, um espaço de liberdade, justiça, estabilidade e empregabilidade são objectivos estratégicos da política comum a perseguir. Igualmente vital, será transformar a ordem internacional, através da defesa de princípios semelhantes aos que vigoram internamente (democracia, primado dos direitos humanos e da economia de mercado).

Deste sentido da construção de um espaço continental europeu comum, depende a capacidade de afirmação externa. Tal implicará a promoção dos princípios do primado da negociação sobre os princípios da guerra, na resolução de conflitos. Mas implicará, também, a capacidade militar de intervenção face, sobretudo, às novas ameaças e riscos.

Apesar de todas as limitações do ponto de vista político-diplomático, a UE vai-se afirmando de modo não negligenciável, em vários *fora*, nomeadamente na ajuda humanitária, na regulação do comércio mundial, na política monetária e nas novas preocupações mundiais no domínio dos transportes, do ambiente e, internamente, consolida-se como espaço de liberdade, justiça, estabilidade e empregabilidade, possuidor de um invejável modelo social. Estes factos deram à UE um estatuto de potência de poder suave. A atracção pelo modelo social europeu é inquestionável. Com naturalidade se percebe que a UE precisa, de modo inadiável, de adquirir uma

---

<sup>27</sup> António Barreto, *in O Público* 19 Março de 2006. "(...) Estranhamente, ou talvez não, a Europa saiu da ordem do dia. Cá dentro e lá fora. (...) Recomeçar tudo como antes é impossível. Renovar é difícil. Acabar com ela é improvável. (...)”

<sup>28</sup> Adriano Moreira em conferência proferida no IESM em 23/02/2006

capacidade complementar de credibilidade, o poder duro, que possibilite realmente a projecção de forças militares.

Privilegiar a negociação, mas ser capaz de impor os seus princípios e defender os seus interesses vitais, são tarefas inadiáveis, mesmo que elas se constituam como factores de desequilíbrio entre estados membros.

Não surpreende, pois, que em 1999, em Maastrich, tenha surgido como fundamental o pilar de Política Externa e de Segurança Comum (PESC) da União. Desde então, a UE fez progressos assinaláveis: estabeleceu as suas competências em matéria de segurança e defesa, montou as estruturas políticas e militares de análise, decisão e realização de operações. Nasceram o Comité Político e de Segurança, o Comité Militar, o Staff Militar, a Agência Europeia de Defesa, o Estado Maior da Defesa, as Células de Planificação, os “Battlegroups”. Aconteceram as suas primeiras operações, expandiram-se as áreas e os tipos de intervenção. Os estados membros afectaram meios e fixaram objectivos para harmonização e melhoramento de capacidades, incentivaram a reorganização do mercado europeu de armamento, definiram os critérios e os meios para a intervenção de reacção rápida. Mas, nem tudo é fácil. A componente militar debate-se com dificuldades como sejam: o deficit de capacidades militares de muitos dos seus membros e as indecisões gerais dos países quanto às posições de autonomia ou de complementaridade para as suas FFAA, em relação ao conjunto.

Entre objectivos e capacidades há um “gap” tremendo. Para tentar ultrapassar este, a UE, a partir das capacidades que dispunha fixou Objectivos Globais (Headline Goal de Helsínquia, em Dezembro de 1999 e Headline Goal 2010), que levaram às conferências de geração de forças, identificaram as áreas em que era necessário aumentar as capacidades e estabeleceram planos de acção para atenuar os deficits identificados. A recente formação dos “Battlegroups” insere-se neste espírito. A necessidade de melhoria é real, sobretudo no domínio da mobilidade, do apoio logístico, da capacidade de combate, da “intelligence”, do comando e controlo, das comunicações, vigilância e reconhecimento.

#### **4. CENÁRIOS EVOLUTIVOS PROVÁVEIS**

Neste início do Séc. XXI, quando se fala de cenários evolutivos geoestratégicos e geopolíticos, a única coisa que se pode dizer é que todas as previsões são falíveis. A insegurança provocada pelo terrorismo transnacional; a imprevisibilidade evolutiva das velhas potências, os riscos do crescimento acelerado das potências emergentes, o envelhecimento rápido das populações, os fenómenos migratórios violentos, o crescimento das assimetrias sociais responsáveis por um cada vez maior número de pobres, a degradação ambiental induzida pela poluição e indutora de catástrofes naturais, cada vez mais frequentes e mais agressivas, o esgotamento de recursos naturais, nomeadamente água potável e fontes energéticas tradicionais, tornam qualquer previsão uma hipótese falível, mesmo que assente em raciais de integração de factos colhidos, analisados e feitos conhecimento na hora.

É neste contexto que nos debruçaremos, a partir da análise e discussão dos factos atrás referidos, sobre alguns dos possíveis cenários evolutivos da Europa e da Ásia emergente.

##### **4.1. Equilíbrio Geoestratégico Asiático**

###### **4.1.1. Emergência Asiática Suave**

Se mantiverem os actuais ritmos de crescimento económico e militar, a China e a Índia verão o seu poder aumentar de modo significativo colocando-os ao nível não só da velha Europa, mas também dos EUA. Tal não acontecerá, contudo, se não conseguirem ultrapassar os novos problemas que se estão a desencadear nas suas sociedades. São sociedades multiétnicas, multireligiosas e duais, com um fosso enorme entre ricos e pobres e com uma classe média, ainda agora emergente, mas já com dificuldades em manter o seu estatuto. Conseguirão a sustentabilidade do desenvolvimento já atingido se aceitarem reduções nas taxas de crescimento económico e se investirem em políticas sociais, em infra-estruturas, em educação e no combate sério ao desemprego de camponeses, de operários e ainda de trabalhadores que se tornaram obsoletos devido à desvalorização do trabalho manual e ao aparecimento do trabalho inovador de alta tecnologia. Terão que canalizar mais recursos para aliviar estas pressões e tornar as suas relações comerciais internacionais globais mais transparentes.

Terão que implementar o respeito pelas normas de mercado, que reduzir os regimes de subsídios e que combater a pirataria imitadora e lesiva dos direitos de patente.

Terão, ainda, de respeitar os grandes equilíbrios ecológicos, nomeadamente de recursos e ambientais, participando no esforço global de protecção do planeta.

Terão, finalmente, que se transformar em nações com rosto, em povos empresários, em empresas com logotipo, inovadoras e respeitadas.

Tanto a multipolaridade como a bipolaridade regional pode favorecer uma emergência suave destas duas potências. No entanto o equilíbrio estratégico da zona pode ser rompido, se uma das potências geodemográficas se sobrepuser e ameaçar o *status quo* actual.

A “Ascensão Pacífica”, conceito defendido e difundido por Zheng Bijiam<sup>29</sup> e, posteriormente, modificado para “Desenvolvimento Pacífico” pelo Presidente Hu Jintan, que engloba noções de paz, multilateralismo e regionalismo, é apresentado como o princípio orientador da política, da China actual e facilitador da sua emergência suave. A tradicional posição indiana de humanismo, não-violência e não alinhamento vai no mesmo sentido.

As tarefas que podem conduzir a uma emergência suave e que permitirão o equilíbrio mundial, não são fáceis, nem na política interna, nem nas relações internacionais, mas são desejáveis. São, mesmo, fundamentais para que, mudando o mundo, o deixem em equilíbrio, ainda que instável.

#### **4.1.2. Emergência Asiática Conturbada**

Não havendo correcções que estabilizem o comércio internacional e diminuam a conflitualidade interna crescente pode chegar-se a uma situação grave para a economia, a paz e a segurança mundiais.

O perigo de “implosão” da China e ou da Índia por perturbações políticas internas é real. A conflitualidade em redor de Taiwan, as disputas fronteiriças entre a Índia e o Paquistão ou um conflito global de comércio externo entre potências económicas, podem sempre acontecer e preceder um conflito militar.

Igualmente não desprezável como hipótese, é o facto de serem os EUA, por interesse próprio, forçados por perturbações interna a desencadear um conflito

---

<sup>29</sup> Zheng Bijiam, Vice-Presidente da Escola Central do Partido Comunista da China

comercial ou mesmo militar. Os efeitos da globalização sobre a população americana e toda a panóplia de repercussões, que lhe está subjacente, no comércio, no emprego e no desenvolvimento, não podem ser esquecidos.

A emergência conturbada não é apenas um exercício acadêmico, é uma possibilidade real, não desprezável e preocupante. Vulnerabilidades internas e externas podem constituir perigo real. Sem ser exaustivo bastará lembrar: a fragilidade do sistema financeiro chinês; os problemas ambientais; a crescente assimetria na distribuição dos rendimentos entre o litoral e o interior, entre os meios rural e urbano ou entre ricos e pobres; o aumento do desemprego; a fragilidade dos sistemas de apoio social e à saúde; o impasse no processo de reformas políticas, particularmente na China, ou as repercussões sociais do sistema de castas e subcastas na Índia.

## **4.2. Evolução Geoestratégica da Europa**

### **4.2.1. Visão Eurocéptica**

**“Basta que a Europa fale de união para logo se dividir”<sup>30</sup>**

**Raymond Aron**

A Europa precisa mudar porque não tem sabido desenvolver as suas oportunidades, nomeadamente crescendo economicamente e projectando tal factor de poder no contexto mundial, nem tem conseguido minimizar ou eliminar as suas fraquezas. Encontra-se, manifestamente, em declínio<sup>31</sup>, com rendimento estabilizado ou mesmo em queda, com uma utilização de recursos cada vez menos eficaz e eficiente. Cada nova aplicação de recursos traduz-se em menores resultados. Não consegue concretizar as políticas que se propõe e tem vindo a ser com frequência ultrapassada pela dinâmica dos acontecimentos. A Europa evoluiu para um “Estado-Providência”, em que o que conta é a garantia de segurança. Tem uma cultura de dependência distributiva.

Os políticos dos diferentes estados têm sido incapazes, ou não tem querido apresentar aos seus eleitores a realidade europeia, como método para ocultar os desequilíbrios internos dos seus países. A produção, os recursos e a sua distribuição são inapropriados. Os cidadãos que, mesmo quando entendem o que

---

<sup>30</sup> Raymond Aron, *le Grand Schisme* (1948),p.60

<sup>31</sup> Joaquim Aguiar, *Relações Internacionais*, Set.2005,pp.75-87.

verdadeiramente deve ser feito vão diferindo para as gerações posteriores as soluções que apontam para perda de privilégios e de segurança. Os estados estão paralisados e incapazes de acompanhar a competição que a globalização impõe, porque os seus políticos e os seus cidadãos estão num equilíbrio de curto prazo, egoísta e perigosamente sem futuro.

A Europa está numa crise de confiança, em que os cidadãos desconfiam das suas lideranças, mas elegem-nas e os estados membros desconfiam entre si.

Acresce a estes factos políticos e estratégicos que o crescimento económico é baixo (<1,5%), que o desemprego é elevado (>9%) e que o estado social está em dificuldades, não conseguindo manter a segurança social. O modelo, se não está esgotado, está pelo menos muito abalado. Este facto pode servir de incentivo para uma atitude euroceptica mas realista.<sup>32</sup>

A Europa está, assim, esmagada pela incapacidade de fazer reformas, quer porque se instalou uma cultura de facilitismo, quer pela “miopia dos sindicatos” que não entendem a pressão da globalização e em especial, da integração da Índia e da China nos mercados mundiais.

A crise demográfica, pela baixa da natalidade e pelo incremento da esperança de vida, aumentou o número de idosos e de reformados, disparou as despesas sociais, facilitou a imigração e importou problemas.

Para os mais cépticos, o futuro está, definitivamente, comprometido ainda pela crise cultural. Mais preocupada em copiar o modelo americano do que desenvolver o modelo europeu, a classe média europeia fala inglês, só pensa em dinheiro, frequenta Centros Comerciais e consome sem critério<sup>33</sup>.

Josep Borrel e Durão Barroso reconheciam, em Viena de Áustria a 27 de Janeiro de 2006, a crise actual<sup>34</sup>.

Sempre que se avizinham grandes decisões na UE, surjam os argumentos

---

<sup>32</sup> Costa Correia – “(...) é num eventual quadro de potencial desagregação que o pensamento euro-realista pode contribuir para fomentar um melhor conhecimento dos riscos que para a UE pode constituir uma dissociação gradual ou súbita da ideia de unidade política... e para ajudar a evitar reacções de individualismo nacional, com os inerentes efeitos contributivos para um caminho de desunião (...)”.

<sup>33</sup> João Silva, in *Expresso* de 5 de Novembro de 2005

<sup>34</sup> in *Diário de Notícias*, 29-01-2006, Joseff Borrel: “A Europa tem uma crise múltipla de “*identidade, legitimidade, resultados e eficácia*”, Durão Barroso “É indispensável um grande esforço para conseguir uma Europa de resultados, a par de princípios de diversidade e de tolerância, cimento da sociedade consolidada pela componente cultural”

eurocepticos. Afirmam que está iminente a perda da soberania dos países, que o estado social europeu vai ser posto em causa, que os alargamentos ou as reestruturações induzirão vagas de imigração a partir dos países mais pobres, que irão degradar as condições de vida local e criar instabilidade social. Dizem que os países mais desenvolvidos e mais ricos assumirão a direcção da União e acabarão por prejudicar não só a independência, mas também a qualidade de vida dos mais pobres.

O processo de desenvolvimento europeu tem sido difícil, extraído a ferros e repleto de muitas limitações. As suas actuais instituições e os seus representantes estão sem capacidade de diálogo e sem suporte de uma força militar credível. Os eurocepticos são de quadrantes políticos diversos e até antagónicos, e têm motivações diversas. Para muitos, a UE mais não deve ser que um mercado, uma moeda, uma visão humanista quanto baste da vida social, de preferência num ambiente seguro e apenas alargado o suficiente para promover a reconciliação e fazer a prevenção de novos conflitos regionais, mas não tão alargado que ponha em risco as actuais condições de trabalho e os benefícios no domínio da saúde e segurança.

Uns com receio do alargamento excessivo, outros pelo risco de degradação do modelo social de apoio, outros ainda com receio da perda de soberania nacional, têm impedido a UE de ter uma posição política sólida, de criar um aparelho militar credível e de consolidar o seu crescimento económico e comercial e o seu estatuto mundial. Menor desempenho, crise de identidade e redução da coesão são as consequências mais visíveis desta postura.

#### **4.2.2. Visão Pró Europeísta**

“A Europa não será feita de uma só vez de acordo com um plano geral: Será construída através de realizações concretas que criem em primeiro lugar uma solidariedade de facto.”<sup>35</sup>

Quando a ameaça começar a tornar-se pesadelo, a Europa despertará e conseguirá um equilíbrio minimamente satisfatório, em que verdadeiramente ninguém pode dizer que perdeu. A negociação distribuirá benefícios e contribuições

---

<sup>35</sup> Schuman, Robert (9 de Maio de 1950), *Schuman Declaration*

de um modo pragmático, permitirá a manutenção do sonho utópico dos mais pobres e dará um novo impulso, que permitirá o relançamento da economia, a criação de emprego, o repensar do modelo social e o reiniciar da discussão sobre a organização política e militar.

Porque a crise instalada pela recusa francesa e holandesa à ratificação do Tratado Constitucional foi, em grande parte, a expressão de desagrado dos seus cidadãos às políticas internas dos governos e das suas elites, convirá não esquecer que o seu efeito maior foi o aviso aos governos europeus que têm que contar com os seus cidadãos antes de assumirem compromissos externos em seu nome. A Europa dos cidadãos surgiu com naturalidade. Poucos negarão que o debate sobre a Europa está terminado, que dos 50 anos passados já resultaram mais de 80 000 páginas de normas de direito, um mercado comum, uma moeda única e um esboço de força de defesa comum.

Muitos acreditam que chegámos a um ponto de não retorno que obrigará a consolidar a Europa, naturalmente com os ritmos que se mostrarem mais adequados. O retrocesso seria o descalabro económico, financeiro e social e colocaria de novo em risco a segurança regional e mundial.

Os europeístas acreditam que o bom senso prevalecerá.

A força da UE pode ser fundamental para o equilíbrio mundial. Cada novo País que entra, alarga o mercado, melhora as condições de vida dos seus cidadãos, faz crescer a zona de estabilidade, daí que, com naturalidade, se diga que a entrada na esfera da influência da UE muda a natureza dos países para sempre. São já, muitas as pessoas que vivem na “Euroesfera”, adoptando mais ou menos profundamente a maneira europeia de ver e fazer as coisas.

Exercendo o “**poder transformador**”<sup>36</sup>, que funciona a longo prazo e tem a ver com o objectivo final de reconfigurar o mundo e não ganhar pequenas lutas, a UE vai mudando. Mesmo sem líder, esta rede de centros de poder, que é a UE, tem consensualmente criado as suas leis e regras. Vai-se construindo um Mundo de bem-estar geral, sem desigualdades gritantes, com respeito pelos direitos humanos e pela viabilidade da vida no planeta. Como diz Mark Leonard: *“(...) imaginem um mundo em que os países pequenos são tão soberanos quanto os grandes. Um*

---

<sup>36</sup> Mark Leonard, *Século XXI A Europa em Mudança* 2005, p. 62

*mundo em que o que interessa é obedecer à lei; onde os valores democráticos são mais importantes do que aquilo que se tenha feito na guerra contra o terrorismo; onde... se faz parte da maior economia do mundo. O que lhe estou a pedir é que imagine o “Novo Século Europeu”. (...).*

Este projecto já evoluiu tanto que, por exemplo, a guerra não é apenas um facto indesejável, é inconcebível.

As diferenças não são vistas como oposição, mas antes como realidades diversas a respeitar e harmonizar com as regras gerais aceites consensualmente. É uma sociedade de poder do direito.

O poder de atracção que este projecto impõe é tal, que a principal preocupação dos seus vizinhos é integrá-la. Pertencer a uma potência económica que respeita os direitos humanos é bem mais atraente que ser autónomo, mas dependente de uma superpotência política e dos seus caprichos.

A “**agressão passiva**”<sup>37</sup> é a principal arma da Europa, é a ameaça de retirar o apoio e a amizade ou de inviabilizar a adesão que vai mudando os candidatos, com uma eficácia superior àquela que a força das armas conseguiria.

O maior argumento da Europa é que o seu modo de vida se vai tornando uma atracção irresistível para os emergentes. Sem pressas, passo a passo, ao ritmo possível, a “Euroesfera” crescerá e o mundo beneficiará globalmente. As políticas centrar-se-ão no indivíduo e no seu bem-estar.

#### **4.2.3. A terceira Via para a Europa – Uma sociedade europeia baseada no conhecimento**

Em pleno desenvolvimento da 3ª globalização<sup>38</sup> a Europa está sujeita a uma concorrência acrescida, que coloca em conflito os dois cenários limites descritos, o do eurocepticismo, que condena a prazo a utopia da UE e o euro optimismo, que acredita que, com maior ou menor dificuldade, a Europa consolidar-se-á. Entre a atitude conservadora de manter o modelo social europeu sem modificações significativas, nomeadamente na saúde, na protecção social ou na regulação do mercado e do trabalho e a atitude mais liberal de criar mais emprego e mais competitividade, mesmo que se tenham de reduzir, de modo significativo, os

---

<sup>37</sup> Mark Leonard, *op.cit.* “ p. 65 .

<sup>38</sup> Thomas Friedman, *O mundo é plano*, pp.19-58.

benefícios agora existentes, começa a surgir uma 3ª via – a 3ª Europa.<sup>39</sup> Uma união que reconhece a necessidade de aumentar a competitividade e abrir caminho a mais emprego, sem sacrificar o modelo social nas suas componentes de protecção social, cuidados de saúde e de negociação colectiva.

É necessário ter o maior número de indivíduos a trabalhar com qualidade, com formação, com conhecimento, inovando e conservando o que for possível conservar no apoio social e na saúde. Foi este o modelo concebido em Lisboa, quando se definiu a Agenda 2000. Os progressos não têm sido muito visíveis, mas ainda não estão completamente comprometidos.

Esta visão de 3ª via para a Europa envolve uma orientação estratégica assente em três prioridades, a saber: 1) Conhecimento e inovação para o crescimento; 2) Fazer da Europa uma região mais atractiva para investir, trabalhar e viver; 3) Criação de mais e melhores empregos com respeito pela coesão social.

A Cimeira Europeia de Bruxelas de Março de 2006 avança com a estratégia do plano D<sup>40</sup> (Democracia, Diálogo e Debate) e com acções, até 2007, em áreas prioritárias, a Educação e I&D, o Ambiente e o Emprego e Energia.<sup>41</sup>

## 5. PORTUGAL NO CONTEXTO DOS CENÁRIOS DESCRITOS

**“Sem Europa, ficamos reduzidos de novo à periferia, à nossa pequenez”.**

**Jorge Sampaio**

No término do seu segundo mandato, afirmava, em Dresden, o Presidente Jorge Sampaio<sup>42</sup>: *“(...) teremos que andar muito para preencher este vazio entre os cidadãos e os dirigentes...a Europa, nomeadamente para Portugal, foi algo de profundamente positivo, útil e fundamental na mudança das nossas vidas...A Europa é indissociável da minha leitura do futuro de Portugal. Sem Europa ficamos reduzidos de novo à periferia, à nossa pequenez...Não nos podemos dissociar da evolução europeia. (...)”*<sup>43</sup>. Esta afirmação é paradigmática da encruzilhada que vivem os países europeus, incluindo Portugal.

<sup>39</sup> Maria João Rodrigues, *Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 2003, pp. 267-285.

<sup>40</sup> Margarida Marques, *Economia Pura*, Fevereiro/Março de 2006, pp. 22 – 23.

<sup>41</sup> Público 23 de Março 2006, pp. 16 -17.

<sup>42</sup> In Diário de Notícias, 5 de Fevereiro 2006, pp. 15

<sup>43</sup> In Diário de Notícias, 4 de Fevereiro 2006, pp.10

Assiste-se a uma crise de confiança dos cidadãos, relativamente aos seus dirigentes nacionais e europeus.

Com a entrada de Portugal na União Europeia, ocorreram alterações várias no modo de vida e na mentalidade dos portugueses. Houve melhorias sensíveis no nível de vida, mas porque não foram devidamente aproveitadas, tanto a nível público como privado as verbas recebidas dos fundos de coesão foram mal aproveitadas. O resultado é a crise geral que, em termos económicos, afecta, actualmente, todos os sectores da sociedade portuguesa.

Sendo os recursos humanos e não as matérias primas a maior riqueza de um país, estes deveriam ter merecido uma maior atenção por parte do poder político. Apesar do número de Escolas existentes, a formação recebida ao nível do ensino básico e secundário não prepara os jovens para ingressar no mundo do trabalho. O abandono escolar é muito acentuado. O ensino superior, não se reformou adequadamente. A Universidade necessita de investir mais na investigação, sair da sua “torre de marfim” e estar atenta à evolução da sociedade que é cada vez mais dinâmica. Uma maior ligação entre a Universidade e o mundo do trabalho, que permita que se formem quadros em número suficiente e capaz de responder às exigências e aos desafios de uma sociedade internacionalizada, interdependente e altamente competitiva. É necessário que em Portugal se cultivem e se incentivem a dedicação ao trabalho, o espírito de iniciativa e de inovação e, no caso dos empresários, se admita o risco como uma realidade com que é preciso conviver. Estamos globalmente na idade industrial, mas ainda muito próximo da sociedade agrária<sup>44</sup>.

Os resultados da Europa determinarão, em boa medida, o nosso futuro no contexto desta tríada geoestratégica. Se a UE não conseguir posicionar-se como uma realidade política única, não terá peso no contexto mundial, e, no seio do G8, os países europeus que hoje integram esta organização e que detêm as maiores economias, desaparecerão do grupo dos líderes económicos mundiais<sup>45</sup>. Nestas circunstâncias, os pequenos Estados, incluindo Portugal, serão seriamente afectados e poderão ver o seu futuro seriamente comprometido.

O crescimento sustentado e a ascensão suave, mas progressiva, da China e da Índia como as potências económicas dominantes da segunda metade do Século

---

<sup>44</sup> Manuel Castells, in *Diário de Notícias*, 05/02/2006, pp. 16 -17.

<sup>45</sup> [http://www.janelanaweb.com/vento/seculo\\_emergentes.html](http://www.janelanaweb.com/vento/seculo_emergentes.html) em 18/10/2005

XXI, deslocarão o centro de gravidade do Mundo para Oriente<sup>46</sup>. Se tal acontecer, torna-se difícil prever o modo como irão exercer esse seu poder. Muito provavelmente fá-lo-ão de modo cooperativo. As suas relações deverão ser multilaterais com a UE, com os Estados Unidos, e ainda com os novos Estados emergentes, como seja o Brasil e a Rússia. Seguramente, que subalternizarão os mercados dos pequenos países, com excepção dos que possuem matérias primas necessárias à sua economia. Portugal terá dificuldades acrescidas.

Um outro cenário possível será o da não consolidação da UE, conjugado com uma evolução conturbada da China e da Índia. Neste caso assistir-se-á ao aumento da instabilidade mundial e, seguramente, à desregulação dos mercados, o que afectará a Europa, incluindo Portugal.

## 6. CONCLUSÕES

A UE, a China e a Índia ocupam, no actual sistema internacional, um lugar subalterno relativamente aos Estados Unidos. A situação poderá, no entanto, vir a alterar-se, se a UE conseguir avançar no sentido da integração numa união política e se, por outro lado, a China e a Índia continuarem a crescer ao mesmo ritmo dos últimos anos, do ponto de vista económico e tecnológico.

A Europa terá que prosseguir as suas políticas sociais, investir na valorização dos seus recursos humano e colmatar as grandes diferenças que ainda existem entre os países integrantes estando especialmente atenta aos menos desenvolvidos, nos quais se inclui Portugal. Terá, também, de vencer as resistências ainda existentes relativamente a uma união política. Não sendo fácil, mas poderá acontecer se os Estados europeus, em virtude das transformações do sistema internacional, se virem verdadeiramente ameaçados. Foi, aliás, a ameaça que esteve na génese da União Europeia quando, em 1950, se constituiu a CECA e, depois, em 1957, se assinou o Tratado de Roma. Tratava-se de uma ameaça ideológica, política e militar, representada na altura pela União Soviética. Foi esta ameaça e, também, o lugar de subalternização, nas grandes decisões a nível mundial, que levou os Europeus a

---

<sup>46</sup> [http://www.janelanaweb.com/vento/choque\\_geo\\_estrategico.htm](http://www.janelanaweb.com/vento/choque_geo_estrategico.htm) em 18/10/2005

avançar no sentido da integração. A vulnerabilidade económica, a subalternização relativamente aos Estados Unidos e o perigo da economia dos Asiáticos emergentes, podem cimentar e fazer avançar os Europeus no sentido da integração e da união.

Na era da globalização e dos grandes espaços económicos, já não há lugar para os pequenos Estados, como é o caso dos países europeus, mesmo daqueles que possuem economias desenvolvidas. Acresce que, ao número de pólos de desenvolvimento económico actualmente existentes, os Estados Unidos, a Europa e o Japão, podem vir a juntar-se, no futuro, a China e a Índia, o que tornará a economia mundial ainda mais competitiva. A China e a Índia são, com efeito, dois Estados que, como vimos, devido à sua extensão geográfica e dimensão demográfica podem transformar-se, muito proximamente, em potências políticas e económicas mundiais. Este facto pode constituir um incentivo importante para levar os Europeus a unir-se politicamente e, no sentido de defender o seu interesse, a ter uma voz activa no sistema internacional e a dotar-se de uma força militar credível. Não é esta a situação actual como o demonstram claramente as primeiras atitudes dos Estados europeus relativamente à guerra nos Balcãs e o seu posicionamento a respeito da invasão do Iraque.

Se à Europa falta uma união política e lingüística e uma força militar credível, à China e à Índia falta investir ainda muito, em termos sociais e de direitos humanos, a fim de colmatar as grandes diferenças que existem no seio das suas populações, sem o que poderemos assistir a uma implosão destes dois Estados. Mas, se, pelo contrário, estes problemas forem resolvidos ou minorados poderemos assistir a uma nova configuração do sistema internacional, em termos políticos, económicos e militares.

É muito provável que a mudança induzida pela globalização actualmente em curso, se centre na Ásia, e muito especialmente na China e na Índia. Ali se localizarão os maiores mercados, os maiores centros de produção industrial e tecnológica, os centros nevrálgicos da maioria das multinacionais e os mais evoluídos centros de conhecimento, investigação e desenvolvimento.

A demografia ainda condicionará, significativamente, o Poder dos países no Mundo. Pode fazê-lo quer positivamente pela força de trabalho que disponibiliza e

pela massa crítica que representa, quer negativamente pela imprevisibilidade de problemas sociais que sempre lhe podem estar subjacentes.

Continua a haver perigo real de reversão da globalização sendo apontados como maiores riscos, as doenças pandémicas, os movimentos “anti-outsourcing” nascentes nos países desenvolvidos em perda, o terrorismo transnacional ou o medo do terrorismo de massas, o desenvolvimento de movimentos de revolta nos países pobres perdedores ou o sobre aquecimento económico da China e/ou da Índia.

Os grandes ganhadores na balança de poderes, se a globalização continuar sem evolução conturbada, serão a China e a Índia.

A UE se conseguir, em tempo útil, ser uma realidade política única poderá posicionar-se como uma das quatro maiores potências económicas mundiais.

A realidade portuguesa será determinada pela evolução que a UE vier a fazer. Com a Europa em perda, Portugal será profundamente atingido.

A diminuição dos riscos reais que Portugal enfrenta só pode ser minorada com uma intervenção de fundo na educação. É indispensável mais saber, saber mais evoluído, mais cultura do trabalho e do mérito aos diferentes níveis da sociedade porque, em qualquer dos cenários traçados, só assim criaremos oportunidade e minoremos tanta ameaça.

## 7. APÊNDICE

### **Na Evolução Geoestratégica da Tríada, China, Índia e Europa, serão compatíveis o desenvolvimento humano e o crescimento económico?**

A selecção de factos que fizemos no corpo do trabalho, a partir dos quais elaboramos alguns possíveis cenários evolutivos, coloca ênfase na economia, no seu crescimento e na sua sustentabilidade. Mesmo quando discutimos acerca do poder militar e das relações internacionais dos países da tríada, ficou subjacente que a preocupação dos governos com as capacidades bélicas e com as suas estratégias políticas, tinha sempre subjacente como objectivo primeiro, a economia.

O interesse nacional dos Estados está cada vez menos ligado à territorialidade e à soberania e diversifica-se. A globalização impõe-se e coloca o interesse económico como interesse fundamental.

Entre as vulnerabilidades que se apontam à China e à Índia, capazes de induzir evoluções conturbadas e penalizadoras dos seus interesses, contam-se o crescimento das assimetrias sociais, responsáveis por um grande número de pobres, os fenómenos migratórios violentos, o esgotamento de recursos naturais, nomeadamente a água potável, a dificuldade de sustentabilidade alimentar e nutricional, a insuficiência infra-estrutural de habitações e equipamentos de saúde pública, o déficit e a dificuldade de acesso a serviços de saúde, a degradação ambiental indutora de cada vez mais e piores catástrofes naturais.

Aponta-se para a Europa, a necessidade da criação de uma verdadeira União Europeia, com unidade política e capacidade militar credível, capazes de potenciar e o seu já importante peso económico neste mundo global. É, ainda, preocupação fundamental o desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento, de investigação, de liberdade, de justiça e de pleno emprego onde o modelo social de apoio e protecção ao indivíduo seja real e se estenda ao longo de toda a vida.

Numa análise muito simples somos levados a pensar que o primado da economia na evolução do sistema internacional conta já com o apoio do poder militar, condiciona a conduta política dos governos e teme a evolução comportamental dos indivíduos. As pessoas são vitais para a economia, mas são potencialmente limitadoras do lucro e podem condicionar a sua evolução e sustentabilidade.

As condições de trabalho e o respeito pelos direitos individuais, apesar da redução do peso das ideologias, condicionam, ainda, a evolução do sistema internacional.

O que assistimos, nos últimos anos, nas empresas pode vir a acontecer no mundo globalizado. Enquanto as empresas contavam os seus funcionários como elementos de produção, responsáveis por desempenhar um conjunto pré-determinado de tarefas, a que correspondia o pagamento de um salário a realidade foi uma. A partir do momento em que os empregados passaram a ter individualidade, a ter, para lá de tarefas, responsabilidades e capacidades, a realidade mudou<sup>47</sup>. Desenvolveram-se as novas metodologias de gestão de recursos humanos e surgiram, com naturalidade, conceitos como os de motivação, comunicação, liderança, educação, formação e investigação e cultura organizacional<sup>48</sup>.

A sociedade assente no indivíduo tornou-se mais complexa. Esta complexidade é já visível nas distintas preocupações sentidas nos Estados em análise. Nos países emergentes asiáticos, China e Índia, é a ausência de satisfação de necessidades básicas que condiciona a evolução societária. Na UE são a sustentabilidade dos direitos alcançados e a necessidade de evolução tecnológica e inovadora a marcar o ritmo. As diferenças não traduzem mais do que o reconhecimento de distintas necessidades dos indivíduos. São diferentes porque os seus níveis de desenvolvimento são diversos.

Compatibilizar os interesses económicos dos Estados e os direitos individuais vai exigir mudança e vai, por isso, ser penoso.

O atraso da China e da Índia, em relação ao bem estar dos seus povos, é tal que dificilmente poderemos admitir que se transformem em grandes potências mundiais, com a mesma rapidez com que as suas economias têm crescido.

Porque é no indivíduo, nas suas necessidades, nos seus anseios, nas suas condições de vida e no seu bem estar que, mais tarde ou mais cedo, assentará a evolução da sociedade mundial e ainda porque é nesta vertente da vida humana que estamos habituados a olhar e a pensar, aqui procuraremos referenciar factos que

---

<sup>47</sup> Idalberto Chiavenato, *"Gestão de Pessoas – O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações"*, Campus, 1999.

<sup>48</sup> Costa Pereira, *"A Comunicação na Liderança"* no IESM em 07-03-2006.

não deixarão de condicionar a evolução do sistema internacional. Propomo-nos apenas olhar a face menos visível do milagre económico da China e da Índia.

Para melhor entendimento da realidade menos falada da China e da Índia, começamos por referir alguns elementos estatísticos e colocá-los comparativamente com os da UE.

	Population Mid-2005 (millions)	Births per 1,000 Pop.	Deaths per 1,000 Pop.	Rate of Natural Increase (%)	Projected Population (millions)		Projected Pop. Change 2005-2050 (%)	Infant Mortality Rate <sup>a</sup>	Total Fertility Rate <sup>b</sup>	Percent of Population of Age		Life Expectancy at Birth (years)			Percent Urban
					2025	2050				<15	65+	Total	Male	Female	
WESTERN EUROPE	186	10	9	0.1	190	183	-2	4	1.6	17	17	79	76	82	80
EAST ASIA	1,535	12	7	0.5	1,708	1,639	7	25	1.6	21	9	73	71	75	43
China	1,303.7	12	6	0.6	1,476.0	1,437.0	10	27	1.6	22	8	72	70	74	37
India	1,103.6	25	8	1.7	1,363.0	1,628.0	48	60	3.0	36	4	62	61	63	28

## EUROPA

Percent of Population 15-49 With HIV/AIDS		Percent of Married Women 15-49 Using Contraception <sup>c</sup>		Govt. View of Birth Rate <sup>d</sup>	2004 GNI PPP per Capita (US\$)	% Population Living Below US\$2 per Day	Area of Countries (square miles)	Population Density per Square Mile	Pop. With Access to Improved Drinking Water Source (%)		Energy Use Per Capita 2002 (kg oil equivalent)
2001	2003/2004	All Methods	Modern Methods						Urban	Rural	
0.2	0.2	75	71		29,410	—	427,702	435	100	—	4,390

## ÁSIA - CHINA

0.1	0.1	84	82		7,990	47	4,546,050	338	94	69	1,333
0.1	0.1	87	86	5	5,530	47	3,696,100	353	92	68	960

## ÍNDIA

0.8	0.9	48	43	H	3,100	81	1,269,340	869	96	82	513
-----	-----	----	----	---	-------	----	-----------	-----	----	----	-----

[http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet\\_Eng.pdf](http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet_Eng.pdf)

### 7.1 O Ciclo Desemprego, Pobreza, Doença.

De sociedades maioritariamente rurais e agrárias, a China e a Índia, mercê do seu peso demográfico e dos efeitos da globalização, têm-se transformado e visto crescer os sectores industrial e dos serviços, sobretudo o primeiro. A economia de sobrevivência rural entrou em crise e muitos camponeses foram atraídos para centros industriais em desenvolvimento, na periferia das grandes cidades<sup>49</sup>. As migrações internas atingiram dimensões impensáveis e consequências desastrosas<sup>50</sup>.

Se numa primeira fase foi possível aos camponeses tornarem-se operários indiferenciados, à medida que a indústria progredia e se diferenciava, a sua capacidade adaptativa esgotava-se e o desemprego surgiu com naturalidade para muitos, sobretudo os mais idosos e os menos aptos. A sua presença é já uma realidade, dificilmente ocultável na periferia dos grandes centros urbanos. A industrialização permitiu a alguns mais aptos atingirem a classe média, mas tornou irreversivelmente pobre um elevado número de outros. As sociedades chinesa e indiana tornaram-se duais e problemáticas. Se é certo que são apreciados por todo o mundo empresarial como verdadeiros fenómenos de sucesso, não deixa de ser igualmente verdade que continuam a ser dois dos Estados com maior número de pobres do mundo. As fracturas sociais estão à vista dos mais atentos. Pouca semelhança existirá entre o mundo rural e o mundo urbano, entre o centro e a periferia das grandes cidades ou entre as regiões costeiras e o interior.

Atraídos do campo para a cidade, para fugir à pobreza, acabaram muitos dos migrantes por encontrá-la onde menos esperavam e onde estão ainda menos preparados para enfrentá-la.

Sem condições de habitabilidade dignas, mal alimentados, sem possibilidade de recorrer a serviços de saúde mínimos, não surpreende que estejam tão vulneráveis á doença. Isto é especialmente sentido nos grupos de maior risco como são, as

---

<sup>49</sup> Oded Shenkar, *O século Chinês*, p.37.

<sup>50</sup> Idem ibidem, "A china precisa não apenas de proporcionar empregos para um imenso contingente de jovens, como também preocupar-se com milhões de empregados em empresas estatais deficitárias e com 100 a 120 milhões que deixaram o interior em busca de trabalho nas áreas urbanas... Camponeses desiludidos tem sido a origem de rebeliões ao longo de toda a história da China, e o bem estar económico é especialmente crucial para um regime que espraiou a sua base ideológica e agora tem na prosperidade económica e no nacionalismo as suas únicas fontes de legitimidade. ..."

crianças, as mulheres e os idosos. Problemas tão simples como as diarreias, a malária e outras doenças infecto-contagiosas, passíveis de prevenção com vacinação, continuam a fazer milhões de mortes por ano. A mortalidade infantil continua a níveis pouco adequados aos nossos dias, a esperança de vida continua bem abaixo da dos países desenvolvidos e a morte das mulheres, durante o parto, são um indisfarçável incómodo. Mesmo patologias, aparentemente com baixa mortalidade, como as do foro psiquiátrico, fazem muitas vítimas mesmo entre os jovens<sup>51</sup>.

Os novos problemas do mundo urbano tais como, os acidentes de viação, um flagelo de controlo cada vez mais difícil à medida que cresce exponencialmente a utilização de veículos motorizados e, as patologias respiratórias e neoplásicas relacionadas com a poluição atmosférica, com a escassez e má qualidade da água potável, com o crescente uso de pesticidas e fertilizantes químicos, são cada vez mais frequentes.

Em especial na Índia, onde os recursos hídricos são de preocupante escassez, mas também na China, o tratamento de resíduos e efluentes domésticos e industriais é muito deficiente, o que agrava ainda mais as preocupações de saúde pública<sup>52</sup>.

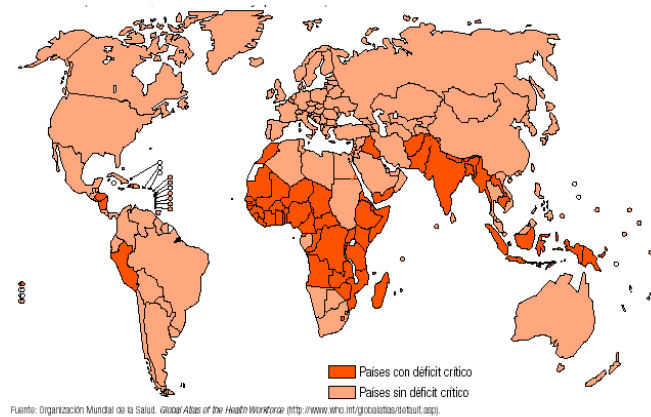
O quadro complica-se, ainda mais, quando pensamos nas deficiências dos sistemas de saúde existentes. Escassos na Índia (Fig. 1) e de duvidosa qualidade na China. Sub-financiados em ambos os casos<sup>53</sup>. Apenas como exemplo, bastará referir que a despesa pública chinesa destinada à assistência médica nos campos, é de apenas 1 € ano e por pessoa e que 90% dos camponeses são obrigados a pagar os tratamentos a que forem submetidos. Convirá não esquecer que os 800 milhões de trabalhadores rurais chineses, bem como os 28 milhões de desempregados oficiais, não têm direito a pensão de reforma.

---

<sup>51</sup> Há referências alarmantes a suicídios entre estudantes impossibilitados de prosseguir os estudos por falta de dinheiro para pagar os encargos correspondentes.

<sup>52</sup> Jorge Silva, op.cit. p87. "(...)há falta de água limpa em dois terços das principais cidades....muitos milhões de pessoas consomem água com resíduos, criando graves problemas de saúde pública. Mais de 75% dos rios não consegue ter peixe e a agricultura regista quebras de produção...por outro lado os adubos, abundantes em azoto e fósforo, têm facilitado a erosão dos solos..."

<sup>53</sup> Frederico Rampini, *O Século Chinês*, p.251



Constatamos, pois, que estes países ainda são vítimas em larga escala das patologias mais prevalentes dos países subdesenvolvidos, nomeadamente doenças infecto-contagiosas (malária, diarreias, tuberculose, sida, etc.), já sofrem de doenças das sociedades mais evoluídas (patologias respiratórias, patologias psiquiátricas e acidentes de viação) e verão nascer, a prazo, em especial para as suas classes sociais de maior capacidade económica, as patologias típicas das sociedades ocidentalizadas (aterosclerose e suas complicações cerebrovasculares e cardiovasculares).

Acresce a toda esta vulnerabilidade o risco que representa, em face de potenciais pandemias, tanta gente, tão pouca condição higiene-dietética e tão poucos recursos de saúde.

## 7.2 O Ciclo Industrialização, Degradação Ambiental, Doença.

As florescentes economias de mercado da China e da Índia impuseram verdadeiras revoluções industriais no seu interior. A procura de recursos energéticos e de outras matérias-primas, para a sua sustentabilidade, cresceu de modo impensável e começa já a produzir efeitos, até há pouco, insuspeitos. O crescimento dos preços do crude e seus derivados, da energia eléctrica e nuclear, do aço, do cobre e da platina, tem sido constante e abrupto. É difícil perceber até onde poderão chegar os seus valores e que consequências globais acarretarão. Para perceber a extensão do que estamos a falar basta dizer que, em 2003, a indústria automóvel

chinesa aumentou a produção e venda de automóveis ligeiros em mais de 69%, em relação ao ano anterior<sup>54</sup>. Este ritmo de crescimento tem sido mantido, desde então.

O baixo custo da mão de obra local e as baixas exigências da legislação laboral têm facilitado a chegada de cada vez mais empresas e mais indústria à periferia das grandes cidades.

A urbanização da sociedade desencadeou um ritmo de construção imobiliária vertiginoso, não só de habitação, mas também de escritórios e centros comerciais. Os governos chinês e indiano, por sua vez, desenvolveram projectos megalómanos que envolvem estradas, auto-estradas, pontes, túneis e barragens.

A manutenção e laboração de toda esta indústria impõem procura e consumo de colossais quantidades de material energético. A China é, já hoje, o segundo maior consumidor de derivados do petróleo de todo o mundo, logo após os EUA e, na Índia assiste-se a crescimentos exponenciais de procura. O ritmo de produção de energia nuclear é crescente. São cada vez mais as centrais nucleares. Só na China, em 2005, foram construídas mais nove centrais nucleares, com uma capacidade total de produção energética igual à da Grã-Bretanha. O mesmo irá acontecer em 2006, o que significa que em termos de produção eléctrica nuclear a China, em 2005 e 2006, “anexará” duas vezes a Inglaterra.<sup>55</sup>

Tal procura energética obriga a aproveitar todos os recursos existentes. Na China, em especial, isso significa usar o seu recurso energético mais abundante, o carvão, usado como combustível nos altos fornos para produção de cimento, para manter a laborar as siderurgias e também para alimentar centrais termo-elécticas, para fornecer energia domiciliária e ainda para o aquecimento individual. Como diz Rampini<sup>56</sup>, *“a cor deste país não é o amarelo nem o vermelho da sua bandeira; é o negro da fuligem que escurece o céu ao pôr do Sol, estende mantos de fumo sobre as cidades, tingem as águas dos rios e banha com chuvas ácidas os arrozais nos campos.”*

A poluição é tremenda e faz-se sentir já por todo o mundo.

Perceber-se-á melhor a extensão deste problema se pensarmos que, em 2003 e 2004, o número de mineiros mortos declarados na China foi equivalente ao dobro

---

<sup>54</sup> Jorge Silva, Os desafios da integração da China na economia global, pp.77-91.

<sup>55</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.267

<sup>56</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.261

das vítimas do 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque, mais de 6000 mil em cada ano, ou ainda, quando nos confrontamos com a realidade de seiscentos mil mineiros sofrendo de doenças respiratórias graves e incapacitantes como a silicose, a doença pulmonar crónica obstrutiva (DPCO) ou mesmo o cancro do pulmão<sup>57</sup>.

A Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>58</sup> calcula que a poluição atmosférica constitui a causa de morte de 800.000 pessoas, das quais dois terços na Ásia.

Imaginar o potencial número de intoxicações domiciliárias com monóxido de carbono, nos territórios chinês e indiano, é um exercício que nos alarma, quando pensamos na realidade portuguesa. O número de mortos será seguramente impressionante.

As coisas são de tal modo críticas que, por exemplo, em Zhongguancum, conhecida como a “Silicon Valley” de Pequim, morre-se em média aos 53 anos, muito longe, portanto, da esperança de vida média na China, que ronda os 72 anos<sup>59</sup>. Este facto traduz a maior queda de esperança de vida conhecida.

A juntar ao desastre ecológico referido, convirá não esquecer, ainda, a explosão crescente de consumo de produtos de difícil reciclagem, ou a degradação da água potável, pelo não tratamento dos efluentes domésticos e industriais.

A industrialização atingiu o ambiente e favoreceu a degradação da saúde pública e individual, levando ao aumento muito significativo de múltiplas patologias e ao aparecimento de doenças incapacitantes, de elevada morbidade e grande mortalidade.

Se aceitarmos que a saúde de uma população depende de múltiplos factores, que interagem entre si, nomeadamente o estado nutricional, a educação para a saúde, o acesso a cuidados de saúde, a existência em quantidade e qualidade de água potável de qualidade, a higiene pública e privada, a presença de infra-estruturas básicas de saneamento, a segurança rodoviária e a poluição ambiental, então teremos que reconhecer que, a China e a Índia, estarão ainda muito longe de serem Estados saudáveis. Isso mesmo apontam os principais indicadores sanitários, em especial para os grupos de maior risco, crianças, mulheres e idosos.

---

<sup>57</sup> Jasper Becker, “China em crescendo: o mercado aberto trouxe dinheiro e mais poluição, procuram-se soluções”, *National Geographic Portugal*, nº38, pp.90-117.

<sup>58</sup> <http://www.who> em 11/04/2006

<sup>59</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.270.

Certamente que, deste ponto de vista, os grandes emergentes asiáticos estão muito longe do nível dos países ocidentais, nomeadamente dos EUA e da UE. O milagre económico que muitos apontam, não estará ainda a repercutir-se nesta vertente fundamental do desenvolvimento humano.

Se, de modo suave e sustentado, continuar a progredir a economia destes Estados e, a repercussão desse progresso se estender a um número maior de indivíduos e se as sociedades regionais evoluírem no sentido do respeito pelos direitos humanos, então o investimento na saúde, no apoio social e no bem estar de toda a população residente, irá ter custos muito elevados, modificará as condições de trabalho, baixará o rendimento e os lucros das empresas e tornará o crescimento económico menos impressionante.

Reside no valor atribuído ao indivíduo a grande diferença entre a UE, a China e a Índia. Se a Europa necessita de repensar o apoio disponibilizado aos seus cidadãos, reduzindo desperdícios e compatibilizando apoio com rendimento, os países Asiáticos necessitam de iniciar a concretização de um apoio com dignidade mínima. Tal facto determinará mudanças importantes na evolução do Sistema internacional.

Estes factos são reconhecidos pelos dirigentes asiáticos, mas a sua prática, essa continua muito longe das necessidades reconhecidas.

Deixamos, no entanto, aqui um extrato de um relatório<sup>60</sup> de peritos indianos que a pedido do governo de Nova Delhi se debruçaram sobre o futuro da Índia e indicaram ao governo medidas, tão variadas como as que, seguidamente, se indicam: “(...) *India 2020 will be bustling with energy, entrepreneurship and innovation. The country’s 1.35 billion people will be better fed, dressed and housed, taller and healthier, more educated and longer living than any generation in the country’s long history. Illiteracy and all major contagious diseases will have disappeared. (...)The old disparities between the very rich and the poor will not have disappeared, but the nature of poverty in 2020 will not be nearly as harsh and oppressive as it was at the turn of the millennium. (...) The increasingly congested urban traffic will be motorised as never before. (...) Cell phones, computers and the Internet will permeate every aspect of life and every corner of the country. Computerisation of education will*

---

<sup>60</sup>S. P. Gupta, *Report of the Committee on IndiaVision 2020*, Nova Dheli 2002

*dramatically improve the quality of instruction. (...) Urban air pollution will come under control by strict enforcement of motor vehicle emission standards and widespread use of ethanol blended motor fuels, but water shortages in major metropolitan areas will continue despite a national programme to popularise water harvesting techniques in both urban and rural areas. A massive afforestation programme will reverse the depletion of forest areas (...) India will be much more integrated with the global economy and will be a major player in terms of trade, technology and investment. (...) Rising levels of education, employment and income will help stabilise India's internal security and social environment. A united and prosperous India will be far less vulnerable to external security threats. A more prosperous India in 2020 will be characterised by a better-educated electorate and more transparent, accountable, efficient and decentralised government. ..."*

As preocupações com o emprego, o ambiente, a pobreza e a saúde estão presentes nos projectos dos governos da Índia, e da China, como aqui fica expresso, mas não passam ainda de intenções. Boas intenções, numa altura, em que o desenvolvimento humano harmonioso o impunha já, como realidade incontornável.

As seqüências, desemprego, pobreza, doença, e, industrialização, degradação ambiental, doença, serão interrompidas em tempo, ou pelo contrário, a procura de melhores desempenhos económicos conduzirá ao desastre que se adivinha?

Por formação e por convicção desejamos que nesta luta entre a vida humana e a economia, a vitória seja para o Homem.

## 7. BIBLIOGRAFIA

### OBRAS

- **BONIFACE**, Pascal, *Guerras do Amanhã*, Editorial Inquérito, Mem Martins, Março de 2003,
- **GU**, Zhibin, *Made in China: o Maior Palco da Globalização no Século XXI*, editora Centro-Atlântico, Lda, Lisboa, 2005, .
- **GUILLARD**, Olivier, *La Stratégie de l' Inde Pour le XXI Siècle*, Institut de Stratégie Comparé – École Pratique des Hautes Études, Paris 2000, .
- **IZRAELEWICZ**, Erik, *Quando a China Mudar o Mundo*, Ambar – Ideias no papel, SA, Porto, Setembro de 2005.
- **KAGAN**, Robert, *O Paraíso e o Poder – A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*, Edição Gradiva, Lisboa, Junho de 2003,
- **KISSINGER**, Henry, *Precisará a América de uma Política Externa?* Edições Gradiva, Lisboa, 2003,
- **LEONARD**, Mark, *Século XXI – A Europa em Mudança*, Editorial Presença, Lisboa, 2005.
- **NYE**, Joseph S., *O Paradoxo do Poder Americano*, Gradiva-Publicações Lda, Lisboa, 2002.
- **NYE**, Joseph S., *Compreender os Conflitos Internacionais – Uma Introdução à Teoria e à História*, Gradiva-Publicações Lda, Lisboa, 2005.
- **RAMPINI**, Federico, *O Século Chinês*, Editorial Presença, Lisboa, 2006
- **SHENKAR**, Oded, *O Século da China*, Artmed Editora AS, São Paulo, 2005.
- **SHIVA**, Vandana, *India Divided*, A Seven Stories Press, First Edition, New York 2005,
- **VALADA**, Rui, *Uma Visão da Europa – Da Gronelândia ao Afeganistão, do Ártico ao Sara*, Graal Editores, Amadora, 2006,.

**ARTIGOS DE REVISTAS**

- **AGUIAR**, Joaquim, Declínio da Europa, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp. 75-87.
- **ARMÉES D´AUJOURDHI**, *Les Nouvelles Ambitions Politiques et Militaires de L`Inde*, in *Armées d`haujordhui* N.º. 305, Novembre 2005, pp. 18-21.
- **BRANDÃO**, Ana Paula, *Para Uma Política de Segurança Global da União Europeia*, Estratégia – in *Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 323-333.
- **CARTA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA UNIÃO EUROPEIA**, Jornal Oficial das Comunidades Europeias, C 364, 18 de Dezembro de 2000, 22 pp.
- **CUTILEIRO**, José, *Duas Visões da Europa*, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp.83-96.
- **GONÇALVES**, Arnaldo, *Os Valores Asiáticos e Os Direitos Humanos*, in *Política Internacional*, N.º. 27, Fevereiro de 2005, pp 141-161.
- **“GUIA DE BOLSO “UNIÃO EUROPEIA EM NÚMEROS – 2005”**, com indicadores do Gabinete de Estatísticas da UE (Eurostat), do *“Economic Outlook, Historical Statistics”* e *“Main Economic Indicators”* (OCDE), do Fundo Monetário Internacional e do Instituto Nacional de Estatística, *Economia Pura*, n.º8, Dezembro de 2004,.
- **IKENBERRY**, John, *American Hegemony and East Asian Order*, in *Australian Journal of International Affairs*, Vol. 58, N.º3, September 2004, pp. 353-367.
- **LEITÃO**, Augusto Rogério, *A Política Europeia de Segurança e Defesa. Que Futuro?* in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 335-346.
- **LOUSADA**, Abílio Augusto Pires, *Uma Visão Geopolítica da China*, in *Revista Militar* N.º. 2/3 – Fevereiro/ Março 2001, pp. 217-247.
- **MAHBUBANI**, Kishore, *Understanding China – The Waking Dragon*, in *Foreign Affairs*, September/October, Vol84, pp. 49-60.

- **MATOS**, Jorge Rocha de, *Renovar o desafio da competitividade*, in *Economia Pura*, Fevereiro/Março 2006, pp. 56-62.
- **MONNIER**, Alain, *Population e Sociétés – L'union Européenne élargie : quinze+dix = 455*, in *Bulletin Mensuel d'Information de L'Institut d'Études Démographiques*, Nº 398, Février 2004, pp.1-7.
- **MOREIRA**, Adriano, *As Fronteiras da Europa*, in *Nação e Defesa*, Nº 112, Outono-Inverno 2005, pp. 9-16.
- **NEVES**, Miguel Santos, *Relações com a China*, in *O Mundo Português*, Março de 2006, pp.32-34.
- **PERKOVICH**, George, *Is India a Major Power?* in *The Washington Quarterly*, Winter 2003-04, Nº 27, pp.129-144.
- **PINTO**, Nuno Gama de Oliveira, *As Novas Fronteiras da Europa*, in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 225-241.
- **PISON**, Gilles, *Population e Sociétés – Tous les pays du Monde (2005)*, in *Bulletin Mensuel d'Information de L'Institut d'Études Démographiques*, Nº 414, Juillet- Août 2005, pp.1-8.
- **PORTO**, Manuel, *Portugal: Cidadania e Sistema Político na Afirmação à Escala Global*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 20-23.
- **RAMOS**, João de Deus, “*Em Torno de Pequim*”, in *Relações Internacionais*, Março de 2004, pp.91-98.
- **REIS**, Reginaldo Gomes Garcia dos, *Os Factores Geopolíticos – A variável Demografia*, in *Revista Marítima Brasileira*, Nº. 07/09, Julho/Setembro 2005, pp.85-92.
- **RODRIGUES**, Maria João, *A Estratégia de Lisboa e as suas Implicações para a Reforma Institucional da União Europeia*, in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 267-285.
- **SALGADO**, Luis Salgado, *Desenvolvimento Português, Integração Europeia e Espaços da sua Convivência Histórica e Cultural*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 41-48.

- **SALGUEIRO**, João. *Bi-Multilateralidade do Relacionamento Português na Europa e no Resto do Mundo*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 25-31.
- **SCALAPINO**, Robert, *Asia-Pacific Security- The Current Balance of Power*, in *Australian Journal of International Affairs*, Vol. 58, Nº3, September 2004, pp. 368-373.
- **SILVA**, João Tavares da, *Os Desafios da Integração da China na Economia Global*, in *Economia Global e Gestão* Nº.3, Lisboa, Dezembro de 2005, pp.77-91.
- **STIGLITZ**, Josef, *Graves Riscos Globais em 2006*, in *Economia Pura*, Fevereiro/Março de 2006, pp. 10-12.
- **SUTTER**, Robert, *Why Does China Matter?* in *The Washington Quarterly*, Winter 2003-04, Nº 27, pp 75-89.
- **COHEN-TANUGI**, Laurent, *The End of Europe?*, in *Foreign Affairs*, November/December, Vol84 Nº 6, pp. 55-67.,
- **THE ECONOMIST**, "George Bush's Passage to India, February 25th, 2006, pp.11-12.
- **THE INDIA IMPERATIVE – A conversation with Robert D. Blackwill**, in *The National Interest* – Summer 2005, pp. 9-17.
- **TUCKER**, Mona Lisa, *China e Índia – amigos ou adversários?*, in <http://www.icep\china> em 12/10/2005.
- **VEVER**, Bruno et a, Parecer do Comité Económico e Social da Estratégia de Lisboa sobre *Melhorar a aplicação da Estratégia de Lisboa*, in ECO/153 – CESE 1438/2004.
- **VITORINO**, António, *A Europa Depois da Convenção*, in *Relações Internacionais*, Março de 2004, pp.47-53.
- **VITORINO**, António, *Impasse ou Crise*, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp.47-64.

**ARTIGOS DE JORNAIS**

- **BORGES**, António, *China – Pânico ou Serenidade*, in <http://www.diarioeconomico.com/edition/noticias/>, 18-10-2005.
- **COUTINHO**, Alexandre, *Chindia – Chegou a Hora dos Emergentes*, in Expresso de 22 de Outubro de 2005.
- **FERREIRA**, Leonídio Paulo, *Ventos de Paz na Caxemira*, in *Diário de Notícias*, 23 de Outubro de 2005.
- **FREIRE**, Manuel Castro, *Atentados abalam Nova Deli e fazem pelo menos 58 Mortes*, in *Diário de Notícias* de 30 de Outubro de/2005.
- **GOMES**, Athleen, *“Se a Europa não Funciona, Porque é que Toda a Gente Pede Mais Europa*, in *Público* de 27 de Novembro de /2005.
- **GONZALEZ**, Felipe, *A Morte da Coesão da EU*, in *Diário de Noticias* de 24 de Dezembro de 2005.
- **LEITE**, Vasco Pinto, *A Euro - China*, in *Expresso* de 22 de Outubro de 2005.
- **MALAQUIAS**, Assis, *A China Entra em África com muito Dinheiro e Sem Exigência*, in *Público*, de 20de Novembro de2005
- **RIBEIRO**, Pedro, *A China é um Bode Expiatório para o Desemprego*, in *Público* de 4 de Dezembro de2005.
- **SILVA**, Antonio Costa, *Europa: Subúrbio de Xangai?*, in *Expresso* de 5 de Novembro de 2005.
- **SOUSA**, Fernando de , *Relançar a Europa ao Som de Mozart – sim, mas...devagar*, in *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro de 2006.

**BASES ELECTRÓNICAS**

- <http://www.ine.pt>, em vários dias.
- <http://diariodigital.sapo.pt/>, em vários dias.

- <http://europa.eu.int/comm/eurostat/>, em 09DEZ05.
- <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook> em vários dias.
- [http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet\\_Eng.pdf](http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet_Eng.pdf) em 12ABRIL06.
- <http://www.who.int/globalatlas/predefinedReports> em 12ABRIL06.
- <http://www.who.int/globalatlas/interactiveMapping> em 12-04-2006.
- <http://www.who.org> em 13ABRIL06.
- <http://www.janelanaweb.com> em vários dias.
- <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook> em vários dias.
- <http://www.jornaldefesa.com.pt> em vários dias.
- <http://www.worldwatch.org/features/china/chinawatch> em 11ABRIL2006.

## 1. BIBLIOGRAFIA

### OBRAS

- **BONIFACE**, Pascal, *Guerras do Amanhã*, Editorial Inquérito, Mem Martins, Março de 2003,
- **GU**, Zhibin, *Made in China:o Maior Palco da Globalização no Século XXI*, editora Centro-Atlântico, Lda, Lisboa, 2005, .
- **GUILLARD**, Olivier, *La Stratégie de l' Inde Pour le XXI Siècle*, Institut de Stratégie Comparé – École Pratique des Hautes Études, Paris 2000, .
- **IZRAELEWICZ**, Erik, *Quando a China Mudar o Mundo*, Ambar – Ideias no papel, SA, Porto, Setembro de 2005.
- **KAGAN**, Robert, *O Paraíso e o Poder – A América e a Europa na Nova Ordem Mundial*, Edição Gradiva, Lisboa, Junho de 2003,
- **KISSINGER**, Henry, *Precisará a América de uma Política Externa?* Edições Gradiva, Lisboa, 2003,
- **LEONARD**, Mark, *Século XXI – A Europa em Mudança*, Editorial Presença, Lisboa, 2005.
- **NYE**, Joseph S., *O Paradoxo do Poder Americano*, Gradiva-Publicações Lda, Lisboa, 2002.
- **NYE**, Joseph S., *Compreender os Conflitos Internacionais – Uma Introdução à Teoria e à História*, Gradiva-Publicações Lda, Lisboa, 2005.
- **RAMPINI**, Federico, *O Século Chinês*, Editorial Presença, Lisboa, 2006
- **SHENKAR**, Oded, *O Século da China*, Artmed Editora AS, São Paulo, 2005.
- **SHIVA**, Vandana, *India Divided*, A Seven Stories Press, First Edition, New York 2005,
- **VALADA**, Rui, *Uma Visão da Europa – Da Gronelândia ao Afeganistão, do Ártico ao Sara*, Graal Editores, Amadora, 2006,.

**ARTIGOS DE REVISTAS**

- **AGUIAR**, Joaquim, Declínio da Europa, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp. 75-87.
- **ARMÉES D'AUJOURDHI**, *Les Nouvelles Ambitions Politiques et Militaires de L'Inde*, in *Armées d'aujourd'hui* N.º. 305, Novembre 2005, pp. 18-21.
- **BRANDÃO**, Ana Paula, *Para Uma Política de Segurança Global da União Europeia*, Estratégia – in *Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1.º/2.º Semestre 2003, pp. 323-333.
- **CARTA DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA UNIÃO EUROPEIA**, Jornal Oficial das Comunidades Europeias, C 364, 18 de Dezembro de 2000, 22 pp.
- **CUTILEIRO**, José, *Dois Visões da Europa*, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp.83-96.
- **GONÇALVES**, Arnaldo, *Os Valores Asiáticos e Os Direitos Humanos*, in *Política Internacional*, N.º. 27, Fevereiro de 2005, pp 141-161.
- **“GUIA DE BOLSO “UNIÃO EUROPEIA EM NÚMEROS – 2005”**, com indicadores do Gabinete de Estatísticas da UE (Eurostat), do *“Economic Outlook, Historical Statistics”* e *“Main Economic Indicators”* (OCDE), do Fundo Monetário Internacional e do Instituto Nacional de Estatística, *Economia Pura*, n.º8, Dezembro de 2004,.
- **IKENBERRY**, John, *American Hegemony and East Asian Order*, in *Australian Journal of International Affairs*, Vol. 58, N.º3, September 2004, pp. 353-367.
- **LEITÃO**, Augusto Rogério, *A Política Europeia de Segurança e Defesa. Que Futuro?* in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1.º/2.º Semestre 2003, pp. 335-346.
- **LOUSADA**, Abílio Augusto Pires, *Uma Visão Geopolítica da China*, in *Revista Militar* N.º. 2/3 – Fevereiro/ Março 2001, pp. 217-247.
- **MAHBUBANI**, Kishore, *Understanding China – The Waking Dragon*, in *Foreign Affairs*, September/October, Vol84, pp. 49-60.

- **MATOS**, Jorge Rocha de, *Renovar o desafio da competitividade*, in *Economia Pura*, Fevereiro/Março 2006, pp. 56-62.
- **MONNIER**, Alain, *Population e Sociétés – L'union Européenne élargie : quinze+dix = 455*, in *Bulletin Mensuel d'Information de L'Institut d'Études Démographiques*, Nº 398, Février 2004, pp.1-7.
- **MOREIRA**, Adriano, *As Fronteiras da Europa*, in *Nação e Defesa*, Nº 112, Outono-Inverno 2005, pp. 9-16.
- **NEVES**, Miguel Santos, *Relações com a China*, in *O Mundo Português*, Março de 2006, pp.32-34.
- **PERKOVICH**, George, *Is India a Major Power?* in *The Washington Quarterly*, Winter 2003-04, Nº 27, pp.129-144.
- **PINTO**, Nuno Gama de Oliveira, *As Novas Fronteiras da Europa*, in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 225-241.
- **PISON**, Gilles, *Population e Sociétés – Tous les pays du Monde (2005)*, in *Bulletin Mensuel d'Information de L'Institut d'Études Démographiques*, Nº 414, Juillet- Août 2005, pp.1-8.
- **PORTO**, Manuel, *Portugal: Cidadania e Sistema Político na Afirmação à Escala Global*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 20-23.
- **RAMOS**, João de Deus, “*Em Torno de Pequim*”, in *Relações Internacionais*, Março de 2004, pp.91-98.
- **REIS**, Reginaldo Gomes Garcia dos, *Os Factores Geopolíticos – A variável Demografia*, in *Revista Marítima Brasileira*, Nº. 07/09, Julho/Setembro 2005, pp.85-92.
- **RODRIGUES**, Maria João, *A Estratégia de Lisboa e as suas Implicações para a Reforma Institucional da União Europeia*, in *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 18/19, 1º/2º Semestre 2003, pp. 267-285.
- **SALGADO**, Luis Salgado, *Desenvolvimento Português, Integração Europeia e Espaços da sua Convivência Histórica e Cultural*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 41-48.

- **SALGUEIRO**, João. *Bi-Multilateralidade do Relacionamento Português na Europa e no Resto do Mundo*, in *Cadernos Navais* Nº. 14- Julho - Setembro 2005, pp. 25-31.
- **SCALAPINO**, Robert, *Asia-Pacific Security- The Current Balance of Power*, in *Australian Journal of International Affairs*, Vol. 58, Nº3, September 2004, pp. 368-373.
- **SILVA**, João Tavares da, *Os Desafios da Integração da China na Economia Global*, in *Economia Global e Gestão* Nº.3, Lisboa, Dezembro de 2005, pp.77-91.
- **STIGLITZ**, Josef, *Graves Riscos Globais em 2006*, in *Economia Pura*, Fevereiro/Março de 2006, pp. 10-12.
- **SUTTER**, Robert, *Why Does China Matter?* in *The Washington Quarterly*, Winter 2003-04, Nº 27, pp 75-89.
- **COHEN-TANUGI**, Laurent, *The End of Europe?*, in *Foreign Affairs*, November/December, Vol84 Nº 6, pp. 55-67.,
- **THE ECONOMIST**, "George Bush's Passage to India, February 25th, 2006, pp.11-12.
- **THE INDIA IMPERATIVE – A conversation with Robert D. Blackwill**, in *The National Interest* – Summer 2005, pp. 9-17.
- **TUCKER**, Mona Lisa, *China e Índia – amigos ou adversários?*, in <http://www.icep\china> em 12/10/2005.
- **VEVER**, Bruno et a, Parecer do Comité Económico e Social da Estratégia de Lisboa sobre *Melhorar a aplicação da Estratégia de Lisboa*, in ECO/153 – CESE 1438/2004.
- **VITORINO**, António, *A Europa Depois da Convenção*, in *Relações Internacionais*, Março de 2004, pp.47-53.
- **VITORINO**, António, *Impasse ou Crise*, in *Relações Internacionais*, Setembro de 2005, pp.47-64.

**ARTIGOS DE JORNAIS**

- **BORGES**, António, *China – Pânico ou Serenidade*, in <http://www.diarioeconomico.com/edition/noticias/>, 18-10-2005.
- **COUTINHO**, Alexandre, *Chindia – Chegou a Hora dos Emergentes*, in Expresso de 22 de Outubro de 2005.
- **FERREIRA**, Leonídio Paulo, *Ventos de Paz na Caxemira*, in *Diário de Notícias*, 23 de Outubro de 2005.
- **FREIRE**, Manuel Castro, *Atentados abalam Nova Deli e fazem pelo menos 58 Mortes*, in *Diário de Notícias* de 30 de Outubro de/2005.
- **GOMES**, Athleen, *“Se a Europa não Funciona, Porque é que Toda a Gente Pede Mais Europa*, in *Público* de 27 de Novembro de /2005.
- **GONZALEZ**, Felipe, *A Morte da Coesão da EU*, in *Diário de Noticias* de 24 de Dezembro de 2005.
- **LEITE**, Vasco Pinto, *A Euro - China*, in *Expresso* de 22 de Outubro de 2005.
- **MALAGUAS**, Assis, *A China Entra em África com muito Dinheiro e Sem Exigência*, in *Público*, de 20de Novembro de2005
- **RIBEIRO**, Pedro, *A China é um Bode Expiatório para o Desemprego*, in *Público* de 4 de Dezembro de2005.
- **SILVA**, Antonio Costa, *Europa: Subúrbio de Xangai?*, in *Expresso* de 5 de Novembro de 2005.
- **SOUSA**, Fernando de , *Relançar a Europa ao Som de Mozart – sim, mas...devagar*, in *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro de 2006.

**BASES ELECTRÓNICAS**

- <http://www.ine.pt>, em vários dias.
- <http://diariodigital.sapo.pt/>, em vários dias.

- <http://europa.eu.int/comm/eurostat/>, em 09DEZ05.
- <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook> em vários dias.
- [http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet\\_Eng.pdf](http://www.prb.org/pdf05/05WorldDataSheet_Eng.pdf) em 12ABRIL06.
- <http://www.who.int/globalatlas/predefinedReports> em 12ABRIL06.
- <http://www.who.int/globalatlas/interactiveMapping> em 12-04-2006.
- <http://www.who.org> em 13ABRIL06.
- <http://www.janelanaweb.com> em vários dias.
- <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook> em vários dias.
- <http://www.jornaldefesa.com.pt> em vários dias.
- <http://www.worldwatch.org/features/china/chinawatch> em 11ABRIL2006.

## 7. APÊNDICE

### **Na Evolução Geoestratégica da Tríada, China, Índia e Europa, serão compatíveis o desenvolvimento humano e o crescimento económico?**

A selecção de factos que fizemos no corpo do trabalho, a partir dos quais elaboramos alguns possíveis cenários evolutivos, coloca ênfase na economia, no seu crescimento e na sua sustentabilidade. Mesmo quando discutimos acerca do poder militar e das relações internacionais dos países da tríada, ficou subjacente que a preocupação dos governos com as capacidades bélicas e com as suas estratégias políticas, tinha sempre subjacente como objectivo primeiro, a economia.

O interesse nacional dos Estados está cada vez menos ligado à territorialidade e à soberania e diversifica-se. A globalização impõe-se e coloca o interesse económico como interesse fundamental.

Entre as vulnerabilidades que se apontam à China e à Índia, capazes de induzir evoluções conturbadas e penalizadoras dos seus interesses, contam-se o crescimento das assimetrias sociais, responsáveis por um grande número de pobres, os fenómenos migratórios violentos, o esgotamento de recursos naturais, nomeadamente a água potável, a dificuldade de sustentabilidade alimentar e nutricional, a insuficiência infra-estrutural de habitações e equipamentos de saúde pública, o défice e a dificuldade de acesso a serviços de saúde, a degradação ambiental indutora de cada vez mais e piores catástrofes naturais.

Aponta-se para a Europa, a necessidade da criação de uma verdadeira União Europeia, com unidade política e capacidade militar credível, capazes de potenciar e o seu já importante peso económico neste mundo global. É, ainda, preocupação fundamental o desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento, de investigação, de liberdade, de justiça e de pleno emprego onde o modelo social de apoio e protecção ao indivíduo seja real e se estenda ao longo de toda a vida.

Numa análise muito simples somos levados a pensar que o primado da economia na evolução do sistema internacional conta já com o apoio do poder militar, condiciona a conduta política dos governos e teme a evolução comportamental dos indivíduos. As pessoas são vitais para a economia, mas são potencialmente limitadoras do lucro e podem condicionar a sua evolução e sustentabilidade.

As condições de trabalho e o respeito pelos direitos individuais, apesar da redução do peso das ideologias, condicionam, ainda, a evolução do sistema internacional.

O que assistimos, nos últimos anos, nas empresas pode vir a acontecer no mundo globalizado. Enquanto as empresas contavam os seus funcionários como elementos de produção, responsáveis por desempenhar um conjunto pré-determinado de tarefas, a que correspondia o pagamento de um salário a realidade foi uma. A partir do momento em que os empregados passaram a ter individualidade, a ter, para lá de tarefas, responsabilidades e capacidades, a realidade mudou<sup>1</sup>. Desenvolveram-se as novas metodologias de gestão de recursos humanos e surgiram, com naturalidade, conceitos como os de motivação, comunicação, liderança, educação, formação e investigação e cultura organizacional<sup>2</sup>.

A sociedade assente no indivíduo tornou-se mais complexa. Esta complexidade é já visível nas distintas preocupações sentidas nos Estados em análise. Nos países emergentes asiáticos, China e Índia, é a ausência de satisfação de necessidades básicas que condiciona a evolução societária. Na UE são a sustentabilidade dos direitos alcançados e a necessidade de evolução tecnológica e inovadora a marcar o ritmo. As diferenças não traduzem mais do que o reconhecimento de distintas necessidades dos indivíduos. São diferentes porque os seus níveis de desenvolvimento são diversos.

Compatibilizar os interesses económicos dos Estados e os direitos individuais vai exigir mudança e vai, por isso, ser penoso.

O atraso da China e da Índia, em relação ao bem estar dos seus povos, é tal que dificilmente poderemos admitir que se transformem em grandes potências mundiais, com a mesma rapidez com que as suas economias têm crescido.

Porque é no indivíduo, nas suas necessidades, nos seus anseios, nas suas condições de vida e no seu bem estar que, mais tarde ou mais cedo, assentará a evolução da sociedade mundial e ainda porque é nesta vertente da vida humana que estamos habituados a olhar e a pensar, aqui procuraremos referenciar factos que

---

<sup>1</sup> Idalberto Chiavenato, *Gestão de Pessoas – O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações*, Campus, 1999.

<sup>2</sup> Costa Pereira, *A Comunicação na Liderança* no IESM em 07-03-2006.

não deixarão de condicionar a evolução do sistema internacional. Propomo-nos apenas olhar a face menos visível do milagre económico da China e da Índia.

Para melhor entendimento da realidade menos falada da China e da Índia, começamos por referir alguns elementos estatísticos e colocá-los comparativamente com os da UE.

	Population Mid-2005 (millions)	Births per 1,000 Pop.	Deaths per 1,000 Pop.	Rate of Natural Increase (%)	Projected Population (millions)		Projected Pop. Change 2005-2050 (%)	Infant Mortality Rate <sup>a</sup>	Total Fertility Rate <sup>b</sup>	Percent of Population of Age		Life Expectancy at Birth (years)			Percent Urban
					2025	2050				<15	65+	Total	Male	Female	
WESTERN EUROPE	186	10	9	0.1	190	183	-2	4	1.6	17	17	79	76	82	80
EAST ASIA	1,535	12	7	0.5	1,708	1,639	7	25	1.6	21	9	73	71	75	43
China	1,303.7	12	6	0.6	1,476.0	1,437.0	10	27	1.6	22	8	72	70	74	37
India	1,103.6	25	8	1.7	1,363.0	1,628.0	48	60	3.0	36	4	62	61	63	28

## EUROPA

Percent of Population 15-49 With HIV/AIDS		Percent of Married Women 15-49 Using Contraception <sup>c</sup>		Govt. View of Birth Rate <sup>d</sup>	2004 GNI PPP per Capita (US\$)	% Population Living Below US\$2 per Day	Area of Countries (square miles)	Population Density per Square Mile	Pop. With Access to Improved Drinking Water Source (%)		Energy Use Per Capita 2002 (kg oil equivalent)
2001	2003/2004	All Methods	Modern Methods						Urban	Rural	
0.2	0.2	75	71		29,410	—	427,702	435	100	—	4,390

## ÁSIA - CHINA

0.1	0.1	84	82		7,990	47	4,546,050	338	94	69	1,333
0.1	0.1	87	86	5	5,530	47	3,696,100	353	92	68	960

## ÍNDIA

0.8	0.9	48	43	H	3,100	81	1,269,340	869	96	82	513
-----	-----	----	----	---	-------	----	-----------	-----	----	----	-----

### 7.1 O Ciclo Desemprego, Pobreza, Doença.

De sociedades maioritariamente rurais e agrárias, a China e a Índia, mercê do seu peso demográfico e dos efeitos da globalização, têm-se transformado e visto crescer os sectores industrial e dos serviços, sobretudo o primeiro. A economia de sobrevivência rural entrou em crise e muitos camponeses foram atraídos para centros industriais em desenvolvimento, na periferia das grandes cidades<sup>3</sup>. As migrações internas atingiram dimensões impensáveis e consequências desastrosas<sup>4</sup>.

Se numa primeira fase foi possível aos camponeses tornarem-se operários indiferenciados, à medida que a indústria progredia e se diferenciava, a sua capacidade adaptativa esgotava-se e o desemprego surgiu com naturalidade para muitos, sobretudo os mais idosos e os menos aptos. A sua presença é já uma realidade, dificilmente ocultável na periferia dos grandes centros urbanos. A industrialização permitiu a alguns mais aptos atingirem a classe média, mas tornou irreversivelmente pobre um elevado número de outros. As sociedades chinesa e indiana tornaram-se duais e problemáticas. Se é certo que são apreciados por todo o mundo empresarial como verdadeiros fenómenos de sucesso, não deixa de ser igualmente verdade que continuam a ser dois dos Estados com maior número de pobres do mundo. As fracturas sociais estão à vista dos mais atentos. Pouca semelhança existirá entre o mundo rural e o mundo urbano, entre o centro e a periferia das grandes cidades ou entre as regiões costeiras e o interior.

Atraídos do campo para a cidade, para fugir à pobreza, acabaram muitos dos migrantes por encontrá-la onde menos esperavam e onde estão ainda menos preparados para enfrentá-la.

Sem condições de habitabilidade dignas, mal alimentados, sem possibilidade de recorrer a serviços de saúde mínimos, não surpreende que estejam tão vulneráveis á doença. Isto é especialmente sentido nos grupos de maior risco como são, as

---

<sup>3</sup> Oded Shenkar, *O século Chinês*, p.37.

<sup>4</sup> Idem ibidem, "A china precisa não apenas de proporcionar empregos para um imenso contingente de jovens, como também preocupar-se com milhões de empregados em empresas estatais deficitárias e com 100 a 120 milhões que deixaram o interior em busca de trabalho nas áreas urbanas... Camponeses desiludidos tem sido a origem de rebeliões ao longo de toda a história da China, e o bem estar económico é especialmente crucial para um regime que espraiou a sua base ideológica e agora tem na prosperidade económica e no nacionalismo as suas únicas fontes de legitimidade. ..."

crianças, as mulheres e os idosos. Problemas tão simples como as diarreias, a malária e outras doenças infecto-contagiosas, passíveis de prevenção com vacinação, continuam a fazer milhões de mortes por ano. A mortalidade infantil continua a níveis pouco adequados aos nossos dias, a esperança de vida continua bem abaixo da dos países desenvolvidos e a morte das mulheres, durante o parto, são um indisfarçável incómodo. Mesmo patologias, aparentemente com baixa mortalidade, como as do foro psiquiátrico, fazem muitas vítimas mesmo entre os jovens<sup>5</sup>.

Os novos problemas do mundo urbano tais como, os acidentes de viação, um flagelo de controlo cada vez mais difícil à medida que cresce exponencialmente a utilização de veículos motorizados e, as patologias respiratórias e neoplásicas relacionadas com a poluição atmosférica, com a escassez e má qualidade da água potável, com o crescente uso de pesticidas e fertilizantes químicos, são cada vez mais frequentes.

Em especial na Índia, onde os recursos hídricos são de preocupante escassez, mas também na China, o tratamento de resíduos e efluentes domésticos e industriais é muito deficiente, o que agrava ainda mais as preocupações de saúde pública<sup>6</sup>.

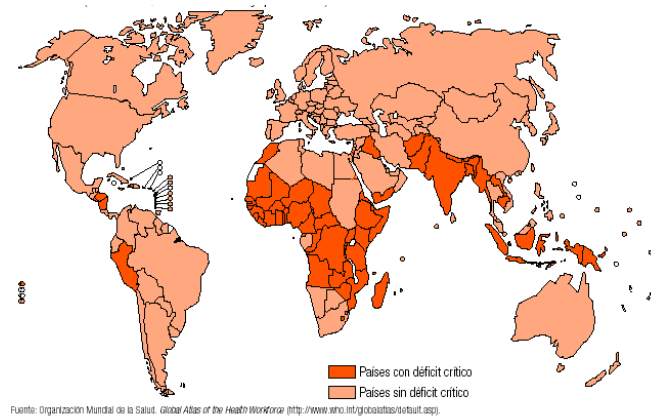
O quadro complica-se, ainda mais, quando pensamos nas deficiências dos sistemas de saúde existentes. Escassos na Índia (Fig. 1) e de duvidosa qualidade na China. Sub-financiados em ambos os casos<sup>7</sup>. Apenas como exemplo, bastará referir que a despesa pública chinesa destinada à assistência médica nos campos, é de apenas 1 € ano e por pessoa e que 90% dos camponeses são obrigados a pagar os tratamentos a que forem submetidos. Convirá não esquecer que os 800 milhões de trabalhadores rurais chineses, bem como os 28 milhões de desempregados oficiais, não têm direito a pensão de reforma.

---

<sup>5</sup> Há referências alarmantes a suicídios entre estudantes impossibilitados de prosseguir os estudos por falta de dinheiro para pagar os encargos correspondentes.

<sup>6</sup> Jorge Silva, op.cit. p87. "(...)há falta de água limpa em dois terços das principais cidades....muitos milhões de pessoas consomem água com resíduos, criando graves problemas de saúde pública. Mais de 75% dos rios não consegue ter peixe e a agricultura regista quebras de produção...por outro lado os adubos, abundantes em azoto e fósforo, têm facilitado a erosão dos solos..."

<sup>7</sup> Frederico Rampini, *O Século Chinês*, p.251



Constatamos, pois, que estes países ainda são vítimas em larga escala das patologias mais prevalentes dos países subdesenvolvidos, nomeadamente doenças infecto-contagiosas (malária, diarreias, tuberculose, sida, etc.), já sofrem de doenças das sociedades mais evoluídas (patologias respiratórias, patologias psiquiátricas e acidentes de viação) e verão nascer, a prazo, em especial para as suas classes sociais de maior capacidade económica, as patologias típicas das sociedades ocidentalizadas (aterosclerose e suas complicações cerebrovasculares e cardiovasculares).

Acresce a toda esta vulnerabilidade o risco que representa, em face de potenciais pandemias, tanta gente, tão pouca condição higiene-dietética e tão poucos recursos de saúde.

## **7.2 O Ciclo Industrialização, Degradação Ambiental, Doença.**

As florescentes economias de mercado da China e da Índia impuseram verdadeiras revoluções industriais no seu interior. A procura de recursos energéticos e de outras matérias-primas, para a sua sustentabilidade, cresceu de modo impensável e começa já a produzir efeitos, até há pouco, insuspeitos. O crescimento dos preços do crude e seus derivados, da energia eléctrica e nuclear, do aço, do cobre e da platina, tem sido constante e abrupto. É difícil perceber até onde poderão chegar os seus valores e que consequências globais acarretarão. Para perceber a extensão do que estamos a falar basta dizer que, em 2003, a indústria automóvel

chinesa aumentou a produção e venda de automóveis ligeiros em mais de 69%, em relação ao ano anterior<sup>8</sup>. Este ritmo de crescimento tem sido mantido, desde então.

O baixo custo da mão de obra local e as baixas exigências da legislação laboral têm facilitado a chegada de cada vez mais empresas e mais indústria à periferia das grandes cidades.

A urbanização da sociedade desencadeou um ritmo de construção imobiliária vertiginoso, não só de habitação, mas também de escritórios e centros comerciais. Os governos chinês e indiano, por sua vez, desenvolveram projectos megalómanos que envolvem estradas, auto-estradas, pontes, túneis e barragens.

A manutenção e laboração de toda esta indústria impõem procura e consumo de colossais quantidades de material energético. A China é, já hoje, o segundo maior consumidor de derivados do petróleo de todo o mundo, logo após os EUA e, na Índia assiste-se a crescimentos exponenciais de procura. O ritmo de produção de energia nuclear é crescente. São cada vez mais as centrais nucleares. Só na China, em 2005, foram construídas mais nove centrais nucleares, com uma capacidade total de produção energética igual à da Grã-Bretanha. O mesmo irá acontecer em 2006, o que significa que em termos de produção eléctrica nuclear a China, em 2005 e 2006, “anexará” duas vezes a Inglaterra.<sup>9</sup>

Tal procura energética obriga a aproveitar todos os recursos existentes. Na China, em especial, isso significa usar o seu recurso energético mais abundante, o carvão, usado como combustível nos altos fornos para produção de cimento, para manter a laborar as siderurgias e também para alimentar centrais termo-elécticas, para fornecer energia domiciliária e ainda para o aquecimento individual. Como diz Rampini<sup>10</sup>, *“a cor deste país não é o amarelo nem o vermelho da sua bandeira; é o negro da fuligem que escurece o céu ao pôr do Sol, estende mantos de fumo sobre as cidades, tingem as águas dos rios e banha com chuvas ácidas os arrozais nos campos.”*

A poluição é tremenda e faz-se sentir já por todo o mundo.

Perceber-se-á melhor a extensão deste problema se pensarmos que, em 2003 e 2004, o número de mineiros mortos declarados na China foi equivalente ao dobro

---

<sup>8</sup> Jorge Silva, Os desafios da integração da China na economia global, pp.77-91.

<sup>9</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.267

<sup>10</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.261

das vítimas do 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque, mais de 6000 mil em cada ano, ou ainda, quando nos confrontamos com a realidade de seiscentos mil mineiros sofrendo de doenças respiratórias graves e incapacitantes como a silicose, a doença pulmonar crónica obstrutiva (DPCO) ou mesmo o cancro do pulmão<sup>11</sup>.

A Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>12</sup> calcula que a poluição atmosférica constitui a causa de morte de 800.000 pessoas, das quais dois terços na Ásia.

Imaginar o potencial número de intoxicações domiciliárias com monóxido de carbono, nos territórios chinês e indiano, é um exercício que nos alarma, quando pensamos na realidade portuguesa. O número de mortos será seguramente impressionante.

As coisas são de tal modo críticas que, por exemplo, em Zhongguancum, conhecida como a “Silicon Valley” de Pequim, morre-se em média aos 53 anos, muito longe, portanto, da esperança de vida média na China, que ronda os 72 anos<sup>13</sup>. Este facto traduz a maior queda de esperança de vida conhecida.

A juntar ao desastre ecológico referido, convirá não esquecer, ainda, a explosão crescente de consumo de produtos de difícil reciclagem, ou a degradação da água potável, pelo não tratamento dos efluentes domésticos e industriais.

A industrialização atingiu o ambiente e favoreceu a degradação da saúde pública e individual, levando ao aumento muito significativo de múltiplas patologias e ao aparecimento de doenças incapacitantes, de elevada morbidade e grande mortalidade.

Se aceitarmos que a saúde de uma população depende de múltiplos factores, que interagem entre si, nomeadamente o estado nutricional, a educação para a saúde, o acesso a cuidados de saúde, a existência em quantidade e qualidade de água potável de qualidade, a higiene pública e privada, a presença de infra-estruturas básicas de saneamento, a segurança rodoviária e a poluição ambiental, então teremos que reconhecer que, a China e a Índia, estarão ainda muito longe de serem Estados saudáveis. Isso mesmo apontam os principais indicadores sanitários, em especial para os grupos de maior risco, crianças, mulheres e idosos.

---

<sup>11</sup> Jasper Becker, “China em crescendo: o mercado aberto trouxe dinheiro e mais poluição, procuram-se soluções”, *National Geographic Portugal*, nº38, pp.90-117.

<sup>12</sup> <http://www.who> em 11/04/2006

<sup>13</sup> Frederico Rampini, op.cit., p.270.

Certamente que, deste ponto de vista, os grandes emergentes asiáticos estão muito longe do nível dos países ocidentais, nomeadamente dos EUA e da UE. O milagre económico que muitos apontam, não estará ainda a repercutir-se nesta vertente fundamental do desenvolvimento humano.

Se, de modo suave e sustentado, continuar a progredir a economia destes Estados e, a repercussão desse progresso se estender a um número maior de indivíduos e se as sociedades regionais evoluírem no sentido do respeito pelos direitos humanos, então o investimento na saúde, no apoio social e no bem estar de toda a população residente, irá ter custos muito elevados, modificará as condições de trabalho, baixará o rendimento e os lucros das empresas e tornará o crescimento económico menos impressionante.

Reside no valor atribuído ao indivíduo a grande diferença entre a UE, a China e a Índia. Se a Europa necessita de repensar o apoio disponibilizado aos seus cidadãos, reduzindo desperdícios e compatibilizando apoio com rendimento, os países Asiáticos necessitam de iniciar a concretização de um apoio com dignidade mínima. Tal facto determinará mudanças importantes na evolução do Sistema internacional.

Estes factos são reconhecidos pelos dirigentes asiáticos, mas a sua prática, essa continua muito longe das necessidades reconhecidas.

Deixamos, no entanto, aqui um extrato de um relatório<sup>14</sup> de peritos indianos que a pedido do governo de Nova Delhi se debruçaram sobre o futuro da Índia e indicaram ao governo medidas, tão variadas como as que, seguidamente, se indicam: “(...) *India 2020 will be bustling with energy, entrepreneurship and innovation. The country's 1.35 billion people will be better fed, dressed and housed, taller and healthier, more educated and longer living than any generation in the country's long history. Illiteracy and all major contagious diseases will have disappeared. (...) The old disparities between the very rich and the poor will not have disappeared, but the nature of poverty in 2020 will not be nearly as harsh and oppressive as it was at the turn of the millennium. (...) The increasingly congested urban traffic will be motorised as never before. (...) Cell phones, computers and the Internet will permeate every aspect of life and every corner of the country. Computerisation of education will*

---

<sup>14</sup>S. P. Gupta, *Report of the Committee on IndiaVision 2020*, Nova Dheli 2002

*dramatically improve the quality of instruction. (...) Urban air pollution will come under control by strict enforcement of motor vehicle emission standards and widespread use of ethanol blended motor fuels, but water shortages in major metropolitan areas will continue despite a national programme to popularise water harvesting techniques in both urban and rural areas. A massive afforestation programme will reverse the depletion of forest areas (...) India will be much more integrated with the global economy and will be a major player in terms of trade, technology and investment. (...) Rising levels of education, employment and income will help stabilise India's internal security and social environment. A united and prosperous India will be far less vulnerable to external security threats. A more prosperous India in 2020 will be characterised by a better-educated electorate and more transparent, accountable, efficient and decentralised government. ..."*

As preocupações com o emprego, o ambiente, a pobreza e a saúde estão presentes nos projectos dos governos da Índia, e da China, como aqui fica expresso, mas não passam ainda de intenções. Boas intenções, numa altura, em que o desenvolvimento humano harmonioso o impunha já, como realidade incontornável.

As seqüências, desemprego, pobreza, doença, e, industrialização, degradação ambiental, doença, serão interrompidas em tempo, ou pelo contrário, a procura de melhores desempenhos económicos conduzirá ao desastre que se adivinha?

Por formação e por convicção desejamos que nesta luta entre a vida humana e a economia, a vitória seja para o Homem.